



O cenário, feito de sete panos pintados — um, maior, ao fundo e seis menores, três à direita e três à esquerda — sugere uma sala com seis saídas. Os móveis, objetos e pertences vão variando de acordo com a ação, mas devem, também, guardar unidade com o resto. No pano de fundo, desenhado, um letreiro:

1º CARTÓRIO DE NOTAS

Tabelião: Pedro Dinis Ferreira-Quaderna

MESA DE RENDAS E COLETORIA FEDERAL

Coletor: Pedro Dinis Ferreira-Quaderna

CASA DOS HORÓSCOPOS

Consultório Sentimental e Astrológico
de

DOM PEDRO DINIS QUADERNA, O DECIFRADOR ARMORIAL

Rei do Sete-Estrelo do Escorpião,

Monarca da Cultura Índia, Negro-Castanha e Árabe-Ibérica do Brasil,

Conde da Pedra do Reino,

Mestre em Astrologia Onomântica,

Profeta da Astrologia Transcendental,

Amante e Amador de Ciências Ocultas

e único Astrólogo e Rei, no Mundo, a possuir a

Maravilhosa Máquina Paraibana APARELHO DE GRAFOLOGIA MENTAL.

Bandeiras, sóis, luas, estrelas e crescentes. Nada, no cenário, que lembre riqueza, Idade Média, Europa ou um falso Oriente. É o Cartório-e-Consultório de um Rei e Astrólogo-sertanejo, ligado aos espetáculos de Circo pobre ou de Auto dos Guerreiros, de modo que os estandartes e bandeiras são como as insígnias do Povo em seus espetáculos — pobres e belas ao mesmo tempo. O espetáculo deve começar com a cortina fechada. Fora dela,

num tamborete baixo, do lado esquerdo, um Manto, uma Coroa e um Cetro, cobertos por um pano: devem, a princípio, ficar ocultos do público que somente tomará conhecimento deles depois de uma referência expressa de Quaderna, que então os descobrirá, com gestos de mágico que revela qualquer coisa, de surpresa. Tudo no escuro. Um facho de luz ilumina Quaderna, que está vestido de roupa cáqui, com alpercatas de couro, da cor da roupa. E então, Quaderna se dirige ao público. O ator não fique em pânico com o tamanho da fala. Pode dizê-la devagar, porque, se a frase tiver interesse e for dita no ritmo conveniente, o público lhe dá a devida atenção, reflete e se diverte com ela. Mas se o ator, aflito, começa a correr com as palavras — com risco até de perder o fôlego —, o público sente sua aflição, aflige-se também, e aí “nem mel nem cabaça”.

* * *

QUADERNA — Nobres Senhores e belas Damas que me ouvem! Dirijo-me aos Africanos, aos Índios, Ibéricos, Mestiços, Árabes, Asiáticos e Latino-americanos, isto é, a todos os Brasileiros do mundo! Toda a minha Obra é uma espécie de Confissão-geral, uma Apelação — um apelo ao coração magnânimo de Vossas Excelências. E, sobretudo, uma vez que as mulheres têm sempre o coração mais brando, esta é uma solicitação dirigida aos brandos peitos, às brandas excelências de todas as mulheres que me ouvem! Escutem, pois, nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos, alguns episódios de minha triste, terrível e acidentada história! Porque minha vida é um Romance: uma espécie de mistura de Folheto-cangaceiro com um Romance-e-amor, um Folheto-de-quengada, um Romance-de-profecia-e-assombração e um Folheto-de-safadeza-e-putaria! Sou um grande apreciador do jogo do Baralho. Por isso, o mundo me parece uma mesa, um palco; e a vida, uma representação, um jogo. Na luta entre Ases e Reis de um lado; de Peninchas, Peões, Curingas e Palhaços do outro, estou do lado dos Peões — dos oprimidos e explorados do mundo. Mas esse emprego de Paladino do Povo é incômodo que só a peste! Vocês estão diante de um Imperador e Rei, Dom Pedro Dinis Quaderna, o Decifrador-armorial, Gênio da Raça, Monarca da Cultura Brasileira e candidato a Gênio Máximo da Humanidade. Mas, com todas essas grandezas, sou um Rei meio lascado. E liso! Se eu não tomar cuidado, a Burguesia e os poderosos do mundo me lascam mais ainda! Até

hoje, à custa de quengadas, conchambranças e picardias, tenho conseguido forçar a Burguesia a me pagar, inclusive para falar mal dela. Assim, enquanto o Reino-de-Deus não chega, com sua Justiça, vou conseguindo furar, abrir caminho e sobreviver, ora me fingindo de leso, ora de doido, ora de Palhaço. Este é, portanto, um dos inumeráveis motivos que tenho para me vestir assim, marcando os papéis, de Rei ou de Palhaço, que tenho a desempenhar. Minhas roupas têm uma função religiosa, política, filantrópica e litúrgica. Eu, no dia a dia, só uso cáqui, azul e branco. Cáqui, porque é a cor da terra parda do Sertão, do Nordeste, do Brasil, da África, da Ásia, da América Latina. Azul e branco, porque são as cores do povo pobre do mundo, do povo do Arraial de Canudos e das Favelas; e também porque, apesar de safado, sou devoto de Nossa Senhora. Outra coisa: não reparem não, mas, no meu mundo, o Cristo é negro e o Diabo é branco. Nos momentos em que estou desempenhando o papel de Rei, Astrólogo e Consultor-sentimental, uso Coroa, Cetro e Manto, para, como padre, confessor e Profeta, dispensar às mulheres desconsoladas, aflitas, solitárias e necessitadas, alguns dos sacramentos mais carinhosos do meu Catolicismo-sertanejo. O Cetro e a Coroa vêm do Auto dos Guerreiros. O Manto, tem as cores da parte Católica e da parte Negra-e-Vermelha da minha santa Fé: o azul com cruzeiras brancas de um lado, e o vermelho com crescentes de ouro, do outro. Agora, quando vou desempenhar minhas funções de Escrivão, Coletor e Serventuário da Justiça, aí o casaco que uso no comum se abre e mostra a camisa com colarinho e gravata que a Burguesia, idiota como sempre, considera indispensáveis para o exercício de qualquer autoridade. Hoje, aqui, a primeira parte da Farsa e Drama-de-Circo que se vai apresentar é sobre isso: uma das conchambranças de que tive de me valer na luta pela sobrevivência; para marcar mais um ponto, mais uma vitória no combate que, como Paladino dos Povos magros, escuros e famintos, eu travo contra os brancos, os ricos, os poderosos e burgueses do mundo inteiro. E vamos ao espetáculo: “O Caso do Coletor Assassinado”!

Abre-se o pano. Em penumbra, QUADERNA e EVILÁSIO dirigem-se para seus lugares, sentando-se. A luz sobe para o normal.

EVILÁSIO — Seu Padrinho não falou claramente o que queria de mim não?

QUADERNA — Não. Mandou chamar o senhor e o pessoal da Comissão de Inquérito que chegou da Capital. Disse que eu trouxesse o senhor para cá, mas que deixasse o pessoal da Comissão aí fora. Ele vai falar com a Comissão, mas só depois de conversar com o senhor.

EVILÁSIO — O que será que ele quer conversar comigo? Será para me nomear Tabelião? Dom Pedro Sebastião, nosso Chefe, me prometeu que, assim que pudesse, mandava me nomear Tabelião, para que eu, acumulando os emolumentos do Cartório com os da Mesa de Rendas, aumentasse um pouco os rendimentos para sustentar a família. O 1º Cartório é seu. O 3º é de Seu Belo. Mas o 2º está vago. Será que ele quer me nomear para esse?

QUADERNA — Não sei não, Seu Evilásio. Ele me disse apenas que era um assunto urgente e de extrema gravidade.

EVILÁSIO — Meu Deus!

QUADERNA — O senhor se acalme, Seu Evilásio! Quem não deve, não teme!

EVILÁSIO — *(Sem convicção.)* É, quem não deve, não teme! Ele vem só?

QUADERNA — Acho que não.

EVILÁSIO — Por quê?

QUADERNA — Quando eu ia saindo, ouvi meu Padrinho chamar por Joaquim Brejeiro para vir com ele.

EVILÁSIO — Minha Nossa Senhora! Entre os cabras da fazenda de seu Padrinho, Joaquim Brejeiro é o mais perigoso!

QUADERNA — Calma, homem, segure as pregas! Eu não acredito que meu Padrinho tenha chamado Joaquim Brejeiro por sua causa não! No meu entender, foi por causa da Comissão: meu Padrinho está achando que o fato do Governo mandar para aqui uma Comissão de Inquérito, é uma tentativa para desmoralizar a autoridade dele!

EVILÁSIO — É, deve ser por isso que ele chamou Joaquim Brejeiro!

QUADERNA — *(Erguendo-se, respeitoso.)* Meu Padrinho!

EVILÁSIO — *(Dando um salto da cadeira.)* Chefe!

Entra DOM PEDRO SEBASTIÃO GARCIA-BARRETTO. É um homem de fisionomia fechada e severa, alto, elegante, corpulento, com a cara barbada e profética, vestido de preto com colete cinza e calçado com botinas meio antiquadas, dessas que são encimadas por polainas emendadas no couro e não superpostas. Ele representa a Aristocracia rural da qual se originou QUADERNA, mas que vai, aos poucos, sendo traída e abandonada por este em favor do Povo. Em todo caso, entre a Aristocracia rural e a Burguesia urbana — representada, na peça, pela Comissão de Inquérito —, QUADERNA prefere a primeira, e se vale dessa preferência real e sincera para seus planos, na linha do que afirmou em sua fala inicial. DOM PEDRO SEBASTIÃO traz, numa das mãos, uma bengala, e na outra, um jornal. JOAQUIM BREJEIRO, armado de rifle, vem com ele. QUADERNA ajeita para o Padrinho uma cadeira que mais parece um trono.

QUADERNA — Sente-se aqui em sua cadeira, meu Padrinho! A bênção?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Deus o abençoe, Dinis, meu afilhado! *(Senta-se. Depois de uma pausa, duro, terrível.)* Seu Evilásio Caldas, o que foi que o senhor andou fazendo para me matar de vergonha?

EVILÁSIO — *(De pé, pálido, gaguejando.)* Eu? Eu, Chefe?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Sim, o senhor! *(Atira-lhe o jornal à cara. Seu Evilásio, morto de medo, vai arriar na cadeira mais próxima.)* Levante-se! Um ladrão da sua marca não tem mais o direito de se sentar na presença das pessoas de bem!

EVILÁSIO — *(Erguendo-se de novo, num pulo.)* Mas Chefe! Ladrão? *(Abaixa a cabeça.)*

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Sim senhor, foi *ladrão* que eu disse! O jornal do Governo fala, aí, que você deu um desfalque na Mesa de Rendas! Foi nomeada uma Comissão de Inquérito que já chegou a Taperoá e está aí fora, esperando pelo senhor! Felizmente recebi o jornal a tempo, senão teria sido apanhado de surpresa! E então? O que é que o senhor tem para me dizer? Você deu o desfalque?

EVILÁSIO — *(Cauteloso, apavorado, tateando o assunto.)* Bem, Chefe, desfalque, desfalque *mesmo*, eu não dei não!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — E desfalque sem ser *desfalque mesmo*, deu? O que foi que o senhor andou fazendo para cobrir sua família e seus amigos de vergonha?

EVILÁSIO — Chefe, a única coisa que eu fiz foi tomar um dinheiro emprestado à repartição que eu administro, a Mesa de Rendas, a Coletoria!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Dinheiro emprestado, seu cabra sem vergonha? E a Mesa de Rendas, uma repartição pública, pode emprestar dinheiro assim?

EVILÁSIO — *(Deixando escapar sem querer.)* Tanto pode, que emprestou!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — (*Enfurecido.*) Cale-se, seu irresponsável! Faz uma canalhice dessas e ainda vem com galhofas na hora de prestar contas? Você, melhor do que ninguém, podia avaliar a gravidade do crime que estava cometendo! Não por você, que não se dá a respeito! Mas por mim, que sou seu protetor e padrinho de sua filha! Coitada dela, com o pai ladrão que foi arranjar! Todo mundo sabe que você é protegido meu e que o Governo só me engole à força! O Governo anda doido para me derrubar. E é numa hora dessas que o senhor, irresponsavelmente, dá ao Governo um pretexto para isso? Quanto foi que o senhor tirou, do dinheiro do Estado?

EVILÁSIO — Chefe, o senhor não se zangue comigo não, mas deve ter sido aí uns mil contos!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Meu Deus, uma fortuna! Nunca esperei isso de um protegido meu! Até agora, meus inimigos tinham me acusado de proteger assassinos, mas ladrões não, ninguém tinha esse direito! O senhor não tem vergonha de se apropriar assim, desonestamente, do dinheiro público, não?

EVILÁSIO — Chefe, era só um adiantamento!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Adiantamento! Adiantamento de mil contos?

EVILÁSIO — O primeiro pedaço de dinheiro que eu tirei era pequeno, não chegava nem a cinquenta contos, e eu ia repor, logo, o dinheiro, no cofre da Coletoria! O diabo foi que apareceu, logo ali também, uma despesa nova, com o casamento de minha menina, sua afilhada! E eu lancei mão de mais trinta contos!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Me pedisse! Eu nunca lhe neguei dinheiro emprestado!

EVILÁSIO — Chefe, eu tive vergonha!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Ah, teve vergonha! Teve vergonha de me procurar, e não teve de furtar o dinheiro público!

EVILÁSIO — Eu não queria que parecesse que eu só tinha chamado o senhor para padrinho de minha filha para arranjar essas ajudas! Aí, depois do casamento da menina, comecei a me apertar com as despesas. Veio a seca, e eu, em vez de repor, tive que tirar outro pedaço, ainda maior, de dinheiro. E foi assim, de pedaço em pedaço, que terminei chegando nos mil contos! Mas eu pretendia pagar tudo!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Infeliz, todo mundo que dá desfalque, é assim que começa! Vai tirando, tirando, e, quando abre os olhos, está tudo perdido e ele com nome de ladrão!

EVILÁSIO — Chefe, eu sei que fiz errado, que causei um mal muito grande a mim, à minha família e ao senhor! Mas, pelo amor de Deus, acredite que eu queria pagar! Acredite, pelo menos nisso acredite! Tentei ir repondo o dinheiro, com a venda de umas terrinhas que possuía e que fui vendendo aos poucos! Tanto assim, que cheguei a pagar quase duzentos contos! Sim, é isso, minha dívida, agora, deve ser somente de uns oitocentos contos, mais ou menos!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — E o que é que adianta isso? Dinheiro furtado, tanto faz mil, como oitocentos, como cem contos, é tudo a mesma coisa! Para a Comissão, não interessa saber se você repôs um pedaço ou não. Nem para mim, também! O que eu quero saber é como vai ser agora! A Comissão está aí fora. Eu lhe pergunto: o senhor tem o dinheiro para repor no cofre público?

EVILÁSIO — Tenho não, Chefe!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — E como é que vai ser?

EVILÁSIO — O senhor é quem sabe!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Eu? E fui eu que tirei o dinheiro? Olhe, Evilásio, eu não vou dar nem um passo pra defender você! Eu pensava que você era inocente, que não tinha culpa! Mas se tem, você é quem vai pagar e responder por ela!

EVILÁSIO — O que é que eu posso fazer então, Chefe? É mandar a Comissão entrar, confessar o que aconteceu e aguentar as consequências!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Inclusive a cadeia?

EVILÁSIO — Inclusive a cadeia, se não tiver outro jeito!

QUADERNA — Meu Padrinho, o senhor me permite uma sugestão?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Sugestão, Dinis? E que sugestão pode dar resultado numa canalhice dessas?

QUADERNA — Se o senhor me ouvir dois minutos pode ser que se ache um caminho para pelo menos nós nos sairmos menos mal do caso. Mas tem que ser em particular.

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Está bem, concedo os dois minutos. Nesta sala aí de junto tem algum cofre com dinheiro, Dinis?

QUADERNA — Não senhor! Tem na outra, na de lá!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Então Evilásio pode esperar nesta daí! Vá, seu moleque, e só volte quando nós chamarmos! (*Sai EVILÁSIO.*) E então? O que é que você tem para me dizer?

QUADERNA — Meu Padrinho, não podemos consentir que Seu Evilásio Caldas seja demitido, desmoralizado e preso, de jeito nenhum! Esse pessoal do

Governo quer atingir é o senhor, por meio dele!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Isso é verdade, também acho. Mas que jeito eu posso dar? Roubar, ele mesmo confessa que roubou. Só se eu repusesse o dinheiro na Coletoria. Cheguei a pensar nisso. Não por causa desse irresponsável do Evilásio: por mim mesmo, por meu nome, por minha autoridade! Mas, por falta de sorte, mandei hoje um dinheiro para Campina Grande, de modo que estou aqui sem um tostão, no cofre. Só se eu tomar dinheiro emprestado aí a uma porção de amigos até juntar os oitocentos contos. Mas será que os amigos de confiança estão em condições de arranjar tanto dinheiro assim de repente?

QUADERNA — Não dá certo não, meu Padrinho! Se o senhor começa a pedir o dinheiro a um e a outro, a história transpira, se espalha, e aí a Comissão vai saber de tudo, mesmo que se reponha o que Seu Evilásio tirou. Temos outro caminho que eu penso que vai resolver tudo melhor.

Cena de mímica, que deve ser representada sem muito exagero.

QUADERNA, depois de olhar JOAQUIM BREJEIRO cautelosamente, aproxima-se do Padrinho com jeito misterioso, encosta a boca em sua orelha e cochicha. DOM PEDRO SEBASTIÃO, de repente, afasta a cabeça e olha, espantado, para QUADERNA. Este faz-lhe sinal de calma, calma, e cochicha de novo em sua orelha. Novo olhar, cada vez mais espantado, de DOM PEDRO SEBASTIÃO para o afilhado, como se somente então estivesse começando a avaliá-lo em sua devida importância. A cena se repete duas ou três vezes, e então o Padrinho começa a dar mostras de concordância.

QUADERNA — Entendeu?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Entendi. Talvez seja a solução, mesmo! Mas não seria melhor você mesmo fazer tudo, através de seu Cartório? Aí, ficaria tudo em família!

QUADERNA — Não pode ser não, meu Padrinho! Sabendo-se que sou seu sobrinho e afilhado, todo mundo iria desconfiar. É melhor que o outro Tabelião, Seu Belo, faça tudo.

DOM PEDRO SEBASTIÃO — É verdade! Pois está bem. Vou seguir seu conselho, e, se tudo der certo, você terá merecido uma recompensa à altura!

QUADERNA — O senhor me dá carta branca para agir?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Dou!

QUADERNA — Quero mais do que uma carta branca comum: o que eu quero é que o senhor confirme tudo o que eu mandar e exija segredo de todo mundo! Segredo absoluto, sob pena de morte! Posso contar com o senhor?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Pode, vamos lá!

QUADERNA — Outra coisa: o senhor não estranhe não, mas, para o que vou fazer agora, preciso me vestir de Astrólogo e Profeta do Catolicismo-sertanejo!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Dê-se a respeito, meu afilhado!

QUADERNA — *(Vestindo o Manto.)* O Senhor é um grande Fazendeiro e pode viver se dando a respeito o tempo todo, eu não! Pronto! *(Mais alto.)* Joaquim Brejeiro, meu Padrinho quer que você vá chamar, aqui, o Tabelião, Seu Belo! Diga a Seu Belo que traga a caneta, o carimbo e aqueles dois livros maiores, do Cartório!

JOAQUIM BREJEIRO olha para DOM PEDRO SEBASTIÃO que, com um gesto de mão, indica que ele vá. Sai JOAQUIM BREJEIRO.

QUADERNA — *(Indo à porta por onde EVILÁSIO saiu.)* Seu Evilásio! Meu Padrinho está chamando o senhor, pode voltar!

EVILÁSIO — *(Voltando.)* Às suas ordens, Chefe!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Seu Evilásio, meu afilhado Dinis, aqui, me deu, para seu caso, uma orientação que achei boa, de modo que resolvi seguir o conselho dele. D'agora em diante, o senhor vai ouvir a palavra dele como se fosse a minha, ele é quem vai mandar em tudo e todos vão obedecer como se fosse a mim. Está de acordo?

EVILÁSIO — Estou, Chefe. Deus me livre de não atender a uma orientação do senhor!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — *(Enfarruscado.)* Isso, quando não existe um cofre perto, não é, Evilásio?

EVILÁSIO — Chefe, me permita somente uma palavra: estou ficando inquieto! Cadê Joaquim Brejeiro? Eu posso saber o que foi que o senhor resolveu a meu respeito? Qual vai ser meu destino, Chefe?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — O senhor cale-se e espere!

QUADERNA — Joaquim Brejeiro vem aí, com Seu Belo!

Entram os dois, o Tabelião com os objetos recomendados.

QUADERNA — Sente-se, Seu Belo! Bote os livros em cima da mesa e sente-se aqui nesta cadeira para ir escrevendo o que eu ditar. Em condições normais, eu teria pedido que o senhor trouxesse o Escrevente, mas o assunto é sigiloso demais e quanto menos gente melhor. Aliás, sendo o

senhor Tabelião juramentado, é até melhor que tudo seja escrito pelo senhor mesmo!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Seu Belo, o que vai se passar aqui é coisa séria, de modo que o assunto não pode passar destas quatro paredes, está me ouvindo?

SEU BELO — Estou ouvindo, pois não! (*Inclina-se, respeitoso.*) O senhor pode confiar em mim, porque, tratando-se de segredos, eu sou um túmulo!

QUADERNA — Hoje, aqui, o senhor vai ser *um túmulo* muito mais do que imagina, Seu Belo! Bem, estamos todos avisados: se transpirar uma palavra do que se passou aqui, meu Padrinho já sabe que foi um de nós que contou a história e manda matar o falastrão.

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Mando mesmo! Não vou nem perder tempo apurando quem foi que falou não: mando matar todos, estão ouvindo?

EVILÁSIO e SEU BELO — Estamos, sim senhor!

QUADERNA — Bem, contamos com o silêncio de todos, no próprio interesse da vida de vocês! Seu Belo, o senhor conhece este homem aí, não conhece?

SEU BELO — Conheço!

QUADERNA — Pois bem! Esse homem era correligionário nosso, nosso amigo e nosso protegido! Ele deve tudo a meu Padrinho, que foi quem arranjou para ele o lugar de Coletor, de administrador da Mesa de Rendas. Meu Padrinho gostava tanto dele que ainda ia conseguir sua nomeação para o Cartório que está vago! Pois bem: com todas essas obrigações e favores que nos devia, esse homem aqui, Seu Evilásio Caldas, tirou dinheiro da Mesa de Rendas, colocando meu Padrinho numa situação muito ruim diante desse Governo que terá a maior alegria em nos desmoralizar! A

Comissão de Inquérito está aí, esperando: vai investigar os atos desonestos desse homem! E agora passo a me dirigir ao senhor, Seu Evilásio Caldas! O senhor, levianamente, tirou mil contos do dinheiro do Estado! É verdade que pretendia pagar, mas não fez isso a tempo e agora a Comissão vai terminar apurando tudo! Assim, o senhor deve reconhecer aqui, oficialmente, diante do Tabelião, que, se meu Padrinho não tomar uma providência enérgica, hoje mesmo o senhor vai ser suspenso de suas funções, demitido e preso! O senhor reconhece isso?

EVILÁSIO — Reconheço!

QUADERNA — Como?

EVILÁSIO — Reconheço, sim senhor!

QUADERNA — Bem, por outro lado, demitido e preso é o que meu Padrinho não pode admitir que o senhor seja! Primeiro, porque se o senhor for preso e demitido, sua família vai ficar, toda, nas costas dele, e meu Padrinho não matou pagão nenhum pra ser condenado desse jeito! Depois, o fato é que o Governo quer atingir é a meu Padrinho, através do senhor! E isso nós não vamos consentir de maneira nenhuma, não é, meu Padrinho?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Ah, é, isso eu não consinto de forma nenhuma!

EVILÁSIO corre para ele, jubiloso, e tenta beijar-lhe a mão, mas DOM PEDRO SEBASTIÃO empurra-o.

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Vá pra lá! O que eu tenho para lhe dizer, vem depois!

QUADERNA — É verdade, é preciso que tudo fique bem claro! Sim, Seu Evilásio, porque não é possível reparar a indignidade que o senhor

cometeu. Nem é possível permitir que o senhor seja preso — o que iria desmoralizar a autoridade de meu Padrinho. Sendo assim, nós só encontramos uma solução para seu caso: vamos mandar matar o senhor, Seu Evilásio!

EVILÁSIO — *(Gaguejando, apavorado.)* O quê? Vão fazer o quê?

QUADERNA — Matar, matar o senhor.

JOAQUIM BREJEIRO *maneira o rifle, colocando a bala na agulha. Ao ver isso, EVILÁSIO se ajoelha.*

EVILÁSIO — Chefe, pelo amor de Deus não faça uma coisa dessas não!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Olhe a idiotice dele! Faz a vergonheira que fez e ainda fica feito um idiota, ajoelhado, pedindo misericórdia! Mas me diga mesmo, Seu Belo, o que é que eu posso fazer senão isso! Me diga mesmo, Seu Belo: eu tenho outro caminho?

SEU BELO — Chefe, eu não queria que o senhor pedisse meu voto nessa história não! Isso é uma eleição muito complicada pra um cidadão pacato como eu votar!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Está tirando o corpo fora, é? Seu Belo, ou o senhor está do lado dele ou do meu! Eu não tenho o dinheiro hoje, nem fui eu que roubei. Ele, que roubou, não tem o dinheiro pra repor na Coletoria! O senhor, por acaso, tem o dinheiro?

SEU BELO — Não senhor!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Então me diga se eu tenho outro caminho!

SEU BELO — É, parece que o único jeito é esse! Mas quando é que o senhor pretende executar Seu Evilásio, Chefe?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Agora mesmo! Foi para isso que mandei chamar vocês!

EVILÁSIO — *(A ponto de morrer de medo.)* Mas Chefe, pelo amor de Deus!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Cale a boca, seu irresponsável! Fui eu que indiquei você para o cargo e você me envergonhou para o resto da vida. Não tem direito de fazer queixa nenhuma!

SEU BELO — *(Timidamente.)* Chefe, eu também devo tudo o que sou ao senhor! Mas também acho que tenho sido, todos estes anos, para o senhor, um servidor fiel, não tenho?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Tem sim, Seu Belo.

SEU BELO — Pois então, em nome disso, peço ao senhor pela vida de Seu Evilásio!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Não pode ser não, Seu Belo! O senhor mesmo reconheceu, ainda agora, que eu não tenho outro caminho.

SEU BELO — Então, pelo menos, mande matar Seu Evilásio mais tarde, e noutro lugar! Eu tenho horror a essas coisas! Deixe a morte dele para outra hora!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Também não pode ser não, Seu Belo. A Comissão está esperando e eu não posso adiar a morte de jeito nenhum!

JOAQUIM BREJEIRO — E como é que vai ser a morte do homem? De tiro ou de faca? Pergunto, por causa do barulho. Sou eu que vou matar Seu Evilásio?

QUADERNA — Não! Quem vai matar Seu Evilásio é Seu Belo!

SEU BELO — (*Horrorizado.*) Eu? Pelo amor de Deus, Chefe! Eu sou um pai de família, tenho horror a essas coisas de crime e sangue!

QUADERNA — Calma, Seu Belo! O senhor não vai derramar o sangue de ninguém não! Nós vamos matar Seu Evilásio Caldas é oficialmente, tabelionicamente. Lavre a certidão de óbito dele!

SEU BELO — Lavrar a certidão? Agora? Antes do óbito?

QUADERNA — (*Paciente.*) A certidão é que vai ser o óbito, Seu Belo! O senhor lavra a certidão com data de quatro ou cinco dias atrás e o inquérito se encerra, pela morte do acusado! É o único jeito desse desgraçado escapar da cadeia sem que a desonra dele desmoralize meu Padrinho!

*N*ovamente EVILÁSIO corre e tenta beijar as mãos de DOM PEDRO
SEBASTIÃO, que o repele severamente.

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Vá pra lá, já disse! Com o senhor, eu me entendo depois, e essa o senhor me paga!

QUADERNA — Lavre a certidão, Seu Belo! Aqui, nesta folha separada! Depois o senhor copia no livro!

*S*eu BELO senta-se à mesa e começa a escrever. A certa altura,
interrompe a escrita.

SEU BELO — Chegou a hora da *causa mortis*. O que é que eu escrevo?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — (*De mau humor.*) Hein?

SEU BELO — Que causa eu escrevo aqui como tendo sido a da morte de Evilásio?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Escreva “safadeza e falta de caráter”!

SEU BELO — (*Obediente.*) Safadeza e falta de caráter...

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Que maluquice é essa, Seu Belo? Invente, aí, uma *causa mortis* qualquer e escreva na certidão!

SEU BELO — *Angina pectoris*, está bem?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Está, está! Para matar esse peste, qualquer desgraça serve!

SEU BELO *conclui, assina e enxuga a tinta com mata-borrão.*

QUADERNA — Está tudo pronto e em ordem?

SEU BELO — Está, sim senhor!

QUADERNA — Então entrem os dois pr’ali! Só voltem quando eu chamar e depois da saída da Comissão!

Os dois vão saindo. De passagem, EVILÁSIO não se contém.

EVILÁSIO — A bênção, Chefe?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Deus lhe dê o que você não tem: juízo e vergonha!
(*Os dois entram numa das salas.*) Dinis, mande entrar a Comissão!

QUADERNA sai e volta com três sujeitos vestidos de modo formal e pretensioso. Um deles, tentando se fazer simpático, aproxima-se de JOAQUIM BREJEIRO.

INTEGRANTE DA COMISSÃO — Você é que é o famoso Joaquim Brejeiro?
(*Silêncio.*) Já ouvi falar muito em você! (*Silêncio.*) Isto é um rifle? (*Silêncio.*)
Pra que é esse rifle, pra matar gente? Você tem coragem, mesmo, de matar uma pessoa?

JOAQUIM BREJEIRO — Não é questão de coragem não, é mais é de costume!

O homem da cidade afasta-se prudentemente.

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Quem é o Presidente da Comissão?

PRESIDENTE — Sou eu!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Com que fim e com que direito os senhores vieram pr'aqui, pra minha terra, sem meu chamado e sem minha ordem?

PRESIDENTE — (*Meio atarantado.*) Viemos porque o Governo...

DOM PEDRO SEBASTIÃO — (*Interrompendo.*) O Governo? E eu devo nada a Governo! Ouvi dizer que o Governador ameaçou, ele mesmo, de vir cá falar comigo, foi?

PRÉSIDENTE — Foi!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Pois diga a ele que venha! Venha e traga a Polícia de merda dele! Porque, se ele vier sozinho, não preciso nem chamar meus cabras: mando uma comadre velha que eu tenho cuidar dele. Ela tem um putruco de faca, assim, e dá vinte facadas nesse governadorzinho, uma em cima da outra e antes da primeira botar sangue! Então, ele que traga a Polícia! Quero ver se me prendem e me tiram daqui! Quantos mais vierem, mais morrem, estão ouvindo? Eu daqui não saio! Aqui, sou como prego cravado em pau-ferro: me quebro dentro e não saio. Você diga a ele que venha, venha! Mas ele vem, o diabo! Boi sabe a cerca que fura e formiga sabe a folha que rói! Ele tem muito é lambança, mas, pra mim, quem vive roncando é besouro rola-bosta! Eu ligo, lá, ronco de ninguém! Ronco, ronco, o Mar também ronca, e eu, toda vez que vou lá, mijo nele! Eu conheço aquela figurinha! Ele vive dizendo que é teso, duro e arrochado. Mas eu conheço ele muito bem: ele é teso é de reumatismo! Pode ser duro, mas é pra pagar o que deve! E só é arrochado quando come casca de angico e fica com o fiofó assim, ó! *(Fecha os dedos, num gesto enérgico.)* Então, diga a ele que venha! Mas ele vem o diabo! No dia em que ele vier, sangue aqui dá no meio da canela e urubu fica com caganeira! O Padroeiro da cidade dele é fêmea, mas o da minha fazenda é macho, mija em pé, de coca não! Estão ouvindo? É esse o recado que eu tenho pra seu Governador!

PRÉSIDENTE — Senhor Dom Pedro Sebastião, há tempo que não vejo uma manifestação tão interessante de autenticidade cultural! Isso é alguma coisa que deve até ser estudada por nossos sociólogos, de tal modo é expressiva de nossa Cultura! Mas o problema é que o Governo recebeu denúncias de graves irregularidades que estariam ocorrendo na Coletoria daqui!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — *(No mesmo tom anterior.)* Aqui, na *minha* terra, só existiriam as irregularidades que *eu* permitisse e descobrisse, e não as que seu Governo de bosta resolva inventar, estão ouvindo? Na Mesa de Rendas não existe irregularidade nenhuma que eu não resolva, e não vai

se realizar investigação nenhuma, lá! Joaquim Brejeiro, bote bala na agulha do rifle!

QUADERNA — Joaquim, não! Espere um pouco! Olhem, vocês aí: meu Padrinho, com toda razão, está um pouco irritado! Não houve irregularidade nenhuma na Coletoria! E, mesmo que tivesse havido, o inquérito vai ter que se encerrar, porque o administrador da Mesa de Rendas, Seu Evilásio Caldas, homem decente e sensível, sofreu um abalo, um desgosto tão grande ao tomar conhecimento dos boatos que o acusavam tão injustamente, que teve um ataque do coração e morreu há quatro dias!

PRÉSIDENTE — Como? Morreu? O senhor tem certeza? Tem alguma prova disso?

QUADERNA — Tenho! Aqui está a certidão de óbito dele!

PRÉSIDENTE — É, o documento está em ordem!

QUADERNA — Pois então, aproveitem a saída que ele oferece a vocês, porque da primeira vez, agora há pouco, eu ainda consegui segurar Joaquim Brejeiro. Mas não garanto a segunda não!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — O assunto está encerrado. Sumam-se daqui todos três! *(Os três saem, ressabiados, passando o mais longe possível do rifle de JOAQUIM BREJEIRO.)* Dinis, chame aqueles dois de volta!

QUADERNA — Seu Belo! Seu Evilásio! Podem voltar! Está tudo resolvido!

Voltam os dois.

EVILÁSIO — Chefe, Deus lhe pague por tudo! Mas, se o senhor não se zangasse, eu queria lhe dizer uma coisa!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — O que é?

EVILÁSIO — Eu estou tão preocupado!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Por quê?

EVILÁSIO — Como é que eu, morto, vou poder continuar aqui? Como é que vou poder trabalhar pra sustentar minha família?

QUADERNA — Eu já pensei em tudo, Seu Evilásio! Seu Belo, que matou o senhor, vai *nascer* o senhor de novo!

SEU BELO — Como?

QUADERNA — Lavrando uma certidão de nascimento de Evilásio, com outro nome!

EVILÁSIO — Outro nome?

QUADERNA — Sim, como se você, agora, passasse a ser um irmão mais moço de você mesmo! Como você já deve estar acostumado com o primeiro nome, pensei em batizá-lo dagora por diante com um nome parecido, Epitácio — Epitácio de Oliveira Caldas. Evilásio, Epitácio, a mudança é tão pequena que você logo se acostumará. Seu Belo, lavre a certidão de nascimento de Seu Epitácio de Oliveira Caldas, um ano mais moço do que seu falecido irmão Evilásio, que morreu há quatro dias, coitado!

SEU BELO — (*Obedecendo.*) Epitácio de Oliveira Caldas!

QUADERNA — Está pronta?

SEU BELO — Está!

QUADERNA — Bem, com o nome novo, meu Padrinho, com o coração generoso que tem, vai conseguir sua nomeação para o 2º Cartório, que está vago. Assim, você vai poder continuar sustentando sua família!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Mas cuide de não dar mais desfalque de qualidade nenhuma, cabra sem vergonha! Eu vou pagar o dinheiro que você tirou, e você, todo mês, da renda do Cartório, desconta um pedaço pra ir me pagando!

QUADERNA — Tenho certeza, Seu Epitácio, de que o senhor vai pagar religiosamente sua dívida! Você dificilmente esquecerá os instantes de terror que seu falecido irmão Evilásio passou durante os momentos que antecederam sua triste morte por *angina pectoris*!

EVILÁSIO — E na Coletoria, eu posso continuar?

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Nunca! Nunca mais eu deixo o senhor chegar nem perto dum lugar onde haja um cofre com dinheiro público!

EVILÁSIO — E quem vai ficar na Mesa de Rendas, como Coletor?

QUADERNA — O senhor não tem nenhuma sugestão a fazer a meu Padrinho não? Não conhece ninguém que seja de absoluta confiança do meu Padrinho e que, ao mesmo tempo, nos momentos difíceis, sabe como encontrar caminho para tirar os amigos de possíveis dificuldades?

EVILÁSIO — Conheço! Pedro Dinis Quaderna!

QUADERNA — *(Mão em concha na orelha.)* Como?

EVILÁSIO — Dom Pedro Dinis Quaderna! Ele deve ser o novo Coletor!

DOM PEDRO SEBASTIÃO — Excelente ideia! Você, meu afilhado, merece o prêmio que ia ser dado a esse ladrão aí!

QUADERNA — Não se queixe, Epitácio! Você é o único homem do mundo em suas condições: morreu de *angina pectoris*, ressuscitou, foi registrado com um nome novo *in terminis legis*, sendo nomeado aí, *post mortem*, para Tabelião!

EVILÁSIO — É latim demais para uma pessoa só!

QUADERNA — Pois então você, como pagamento a quem salvou sua vida, pegue ali aquela Coroa e me coroe aqui como Monarca da Cultura Brasileira e Imperador do Reino do Sete-Estrela do Escorpião! Joaquim Brejeiro fica aqui a meu lado para ser, também, coroadado, porque, apesar de ainda extraviado a serviço da Aristocracia, é um Príncipe do Povo! *(Evilásio coroa Quaderna, que, depois de ajustar a Coroa, pede o Cetro com um gesto e aponta o pé, com outro gesto. Evilásio beija-lhe o pé.)* Muito bem! Agora, toquem o Hino que escrevi contra os inimigos do Brasil — os gringos de fora e os entreguistas de dentro! Toquem e cantem, porque eu quero sair daqui num Cortejo real!

*↓ Toca a música, que todos cantam enquanto se retiram, com
EVILÁSIO erguendo atrás, reverente, o Manto real de QUADERNA, que
coloca a seu lado JOAQUIM BREJEIRO, também coroadado.*

TODOS — *(Cantando e saindo.)*

Brasileiros que têm vergonha,
celebremos, com força e Paixão,
nosso Povo, do Sul para o Norte,

e o Brasil, desde o Mar ao Sertão!
Nosso País 'tá sendo entregue,
alerta todos e todos de pé!
Contra os traidores que se vendem
lutemos todos com força e com fé!
Brasileiros, a hora é sagrada!
Eles querem ao Povo trair!
Contra esses, de dentro e de fora,
combater, triunfar, resistir!
Nosso País 'tá sendo entregue,
alerta todos, e todos de pé!
Contra os traidores que se vendem
lutemos todos, com força e com fé!

FIM DO PRIMEIRO ATO.





SEGUNDO ATO



QUADERNA — Nobres Senhores e belas Damas que me ouvem! O grande problema do Espetáculo do Mundo é que o Autor que o criou é um só, mas o Encenador que o dirige são dois! E vivem brigados, cada um querendo levar a Peça para seu lado! Os caminhos dos dois são opostos: um é da Vida, o outro é da Morte! Eu sempre fui atraído pelo Circo, com Palhaços, Cantadores, Guerreiros, Malabaristas, Mágicos, Trapezistas e, sobretudo, Pastoras do Cordão Azul e do Encarnado ou Bailarinas de coxas à mostra. Até que, um dia, consegui me tornar Dono de Circo. Nele, meu papel varia conforme a necessidade: Velho de Pastoril, Rei, Capitão de Cavalomarinheiro, Menestrel, Profeta, Guerreiro... Mas, em qualquer caso, nunca abro mão de ser o Professor carinhoso, o Conselheiro secreto das Pastoras e Bailarinas. Costumo iniciá-las em todas as suas *partes* — isto é, nas partes ou papéis que elas vão desempenhar no Espetáculo. Logo descobri, porém, que nos Circos e teatros do mundo a gente ganha muito pouco. Se eu quisesse ganhar um pouco mais de pecúnia e dinheiro, teria que me tornar alguma coisa como Professor, Juiz ou Escrivão — Fidalgos que usam Saia preta enfeitada de amarelo, púrpura e vermelho, como acontece também com os Bispos, Cardeais e Juizes. Juiz eu não podia ser, por não ser Bacharel. Vi, então, que o único caminho que me restava era sentar praça na Legião de Deus, como padre, o que poderia me levar até a ser Príncipe da Igreja. Além disso, poderia me tornar Confessor-de-mulheres, o papel que sempre considere o mais fascinante da vida! Já pensaram que maravilha, confessar Damas e damiselas, ouvir seus belos e tentadores pecados e, carinhosamente, aconselhá-las por esse caminho? Com esse objetivo, entrei para o Seminário da Paraíba. Mas não soube guardar a virtude cristã da paciência: ainda como seminarista, comecei a confessar logo as moças. Um dia, estava confessando uma linda e ardorosa companheira de dúvidas religiosas que me pedira alguns esclarecimentos sobre a nossa santa Fé. Fui surpreendido *com a mão na massa* e expulso vergonhosamente do Seminário. Voltei para o Sertão. Um dia, tive uma ideia genial: a de instalar um Consultório Sentimental e Astrológico. Isso me devolvia o maravilhoso direito que têm os padres de confessar as Damas. E com uma vantagem: a confissão feita pelos padres é

gratuita. A minha é paga, sem que isso diminua em nada o direito que, como os padres, eu tenho, de consolar, aconselhar e iniciar as mocinhas em certos segredos, mistérios e rituais religiosos da vida. Podia, além disso, fazer dos meus carinhosos conselhos o passo inicial para me tornar Massagista-de-Senhoras, um posto sem o qual a confissão perde quase a metade do seu encanto. Sim, porque meu Consultório é também religioso. Refletindo sobre as diversas religiões do mundo, descobri que os grandes Profetas do Judaísmo, do Cristianismo e do Catolicismo-romano são exigentes que só a peste! São pessoas como Isaías, São João Batista ou São Francisco, que querem, à força, que a gente, para ser Profeta, seja sóbrio, casto e humilde como eles. Eu sempre quis ser, além de Rei, Profeta; mas isto sem renunciar ao queijo de cabra, à carne de sol, ao vinho e às mulheres. Notei, então, que o Cristianismo nos leva ao Céu, mas tem esse mau costume de nos proibir tudo o que é bom. Ouvindo um sermão do nosso virtuoso e duro Padre Renato, descobri que certas seitas muçulmanas dão à gente o direito de ter muitas mulheres; mas, ao mesmo tempo, proíbem o vinho e as costelas de porco torradas com farofa, ao mesmo tempo em que, como garantia o Padre, são danadas para nos levar ao Inferno, por heresia. Diante disso, fundei, para mim, uma Religião independente, o Catolicismo-sertanejo! Esta fé, sendo judaica e cristã, me salva a alma. Mas, ao mesmo tempo, sendo árabe-sertaneja, e não romana, permite que eu mantenha meu bom comer, meu bom beber e meu bom... bem, meu bom *isso* que, nos dias melhores, fecha com chave de ouro os carinhos, massagens e conselhos que dou às moças, no Consultório. Pois bem: a história que passo a narrar é uma conchambrança e desventura dessas que me acontecem no templo, no local-sagrado de meu Catolicismo-sertanejo! Vamos a ela, cujo título é “Casamento com Cigano pelo Meio”!

Abre-se o pano. QUADERNA está sentado à mesa do Cartório.

Entram DONA PERPÉTUA e SEU CORSINO.

QUADERNA — Comadre Perpétua! Compadre Corsino! Então, finalmente, chegou o dia do casamento de Aliana e de Mercedes, minha afilhada...

CORSINO — Chegou, Compadre! Viemos saber se os documentos estão prontos e se está tudo em ordem!

QUADERNA — Tudo certo e na forma da Lei! Os noivos já chegaram?

CORSINO — O noivo, você quer dizer! Porque somente Quintino Estrela, noivo de Mercedes, é de fora, do Pajeú! O de Aliana, Laércio, é meu sobrinho e é daqui mesmo. Acho que você conhece, é aquele que é caixeiro da loja de Antônio Fragoso.

QUADERNA — Conheço, conheço! Quem é que não conhece Laércio Peba, aqui?

PERPÉTUA — Quintino Estrela vive em situação muito melhor do que Laércio! É um moço rico, de boas posses, um boiadeiro importante do Pajeú! Laércio não pode nem se comparar com ele, como partido! Eu, por mim, sempre achei que Aliana merecia um casamento melhor do que Laércio!

CORSINO — É, mulher, mas, com a seca, nós não podemos jogar fora o casamento de Aliana não. Desencalhar duas filhas no mesmo dia!

QUADERNA — É, Comadre Perpétua! E afinal de contas Laércio não chega a ser um lascado completo não, é caixeiro! Ele é assim meio desligado, meio ingênuo... Mas é um bom rapaz, e eu acho até bom que Aliana case no mesmo dia que Mercedes!

PERPÉTUA — Pois então, Compadre Quaderna, veja os papéis com cuidado! Quintino Estrela chegou do Pajeú, acompanhado por dois amigos e sócios dele, Seu Aristides e o Cigano Pereira. Nós deixamos os três lá em casa, com as meninas, e viemos falar com o senhor.

QUADERNA — Mas Comadre, a senhora deixou Quintino Estrela ver a noiva antes do casamento? Dizem que dá má sorte!

CORSINO — Vire essa boca pra lá, Compadre! Isso é tolice, besteira desse povo ignorante do Sertão! Como é que pode dar errado um casamento como esse, com tudo acertado e combinado? Quintino foi à nossa casa pra conhecer o resto da família!

QUADERNA — Ah, ele não conhecia vocês todos não, é verdade!

PERPÉTUA — Ele conheceu Mercedes lá no Pajeú, naquele tempo que ela passou lá, em casa de minha irmã. Conheceu, apaixonou-se, pediu a moça por carta, noivou, e só veio aqui, hoje, para casar. De modo que não conhecia nem Corsino, nem eu, nem Aliana.

CORSINO — Sim, Compadre Quaderna, mas nós viemos também para pagar ao senhor as custas do Cartório, pelo casamento!

QUADERNA — Que é isso, Compadre! Eu ia, lá, cobrar custas pelo casamento de minha afilhada! As custas são meu presente para Mercedes, um dos muitos que ainda pretendo dar a ela.

PERPÉTUA — Mercedes, casada, vai morar no Pajeú!

QUADERNA — Manda-se, manda-se pelo correio! De qualquer modo, as custas eu ainda posso dar de presente a ela!

CORSINO — Pois aceito, Compadre! Aceito e agradeço! Com a situação como está, toda ajuda é ajuda!

Entram ARISTIDES e o CIGANO PEREIRA.

PERPÉTUA — Pronto, Compadre, esses são os amigos de Quintino! Seu Aristides! Seu Pereira! Aqui meu Compadre Pedro Dinis Quaderna!

ARISTIDES — Prazer!

CIGANO — Prazer!

ARISTIDES — Já conhecia muito o senhor, de nome! Eu e Pereira, aqui, estamos precisando de seus serviços profissionais de Tabelião.

QUADERNA — Pois não, atendo a vocês agora mesmo. Pode ser com meus compadres aqui, ou é assunto confidencial?

CORSINO — Não, Compadre Quaderna, nós já íamos saindo, mesmo! Vamos pra casa. Quintino Estrela ainda está lá?

ARISTIDES — Não, foi para o Vesúvio Hotel, onde estamos hospedados. Nós ficamos de encontrá-lo por lá.

PERPÉTUA — Então nós já vamos, Compadre! Até mais tarde, para o casamento!

QUADERNA — Até, Comadre! Até, Compadre Corsino! *(Os dois saem.)* Então, senhores, estou às suas ordens!

ARISTIDES — Nós dois assinamos um documento que está aqui, lacrado, neste envelope. Só nós dois podemos saber o que ele tem. Por isso, queremos guardá-lo aqui, no cofre do Cartório, registrado em segredo de justiça! Sete chaves e sigilo absoluto! É possível?

QUADERNA — É, claro! Desde que paguem as custas...

ARISTIDES — Quanto é?

QUADERNA — *(Preenchendo um formulário.)* Aqui pelo recibo vocês podem ver!

CIGANO — Tão caro!

QUADERNA — Que é que eu posso fazer? Tudo sobe! Veja: aí no recibo eu só mando imprimir uma parte, o lugar das custas é preenchido a mão, porque tem de subir toda semana! Outra coisa: vocês vão lá, ao Vesúvio Hotel, e digam ao amigo Quintino Estrela para passar aqui. Eu não quis receber custas do Compadre Corsino porque sou padrinho de Mercedes. Mas nem sou padrinho de Aliana nem compadre de Quintino, de modo que ele precisa aparecer aqui para se pronunciar sobre o assunto!

CIGANO — Está bem! Custas rachadas, viu, Aristides? Me dê aí a metade!

Recebe a metade de ARISTIDES e paga a QUADERNA, que recebe o documento e vai trancá-lo no cofre, que pode estar em cena ou fora, a juízo do encenador.

QUADERNA — Fiquem sossegados, ali ele está em absoluta segurança!

Entra MERCEDES, furiosa.

MERCEDES — Meu Padrinho...

Para, de repente, ao ver os dois, que ficam meio ressabiados e desconfiados pelo encontro.

ARISTIDES — Bem, nós já vamos! Até logo! Muito prazer e muito obrigado!

Saem.

QUADERNA — Mercedes, minha afilhada querida! Você me parece tão perturbada! O que é que há?

MERCEDES — O que é que há, meu Padrinho? O que há é uma coisa horrorosa, e vim procurar o senhor, porque só você pode dar jeito nisso tudo!

QUADERNA — O que foi? Que foi que houve, Mercedes?

MERCEDES — Aquele desgraçado me fez a maior desfeita que você possa imaginar!

QUADERNA — Quem? Que desgraçado?

MERCEDES — Meu noivo, aquele peste de Quintino Estrela, que o Diabo leve para as profundas do Inferno!

QUADERNA — Que é isso, Mercedes, meu bem? Não diga uma coisa dessas de seu noivo! *(Passa carinhosamente o braço pelos ombros dela, segurando-a um pouco, firme, contra seu corpo.)* O que é que seu noivo pode ter lhe feito de mal, se, pelo que eu soube, não faz nem uma hora que ele chegou?

MERCEDES — Faz uma hora que ele chegou, mas já teve tempo de me fazer a maior desfeita que se pode fazer a uma noiva neste mundo! Você sabe que ele me conheceu no Pajeú, não sabe?

QUADERNA — Sei!

MERCEDES — Foi só ele me conhecer e ficar doido de apaixonado, dizendo que, ou casava comigo, ou morria! A gente se comprometeu, eu vim me embora e ele me pediu por carta! A paixão de Quintino continuava cada

vez maior! Era carta em cima de carta, cada carta bonita que fazia gosto! Meu Padrinho, aliás, sabe disso muito bem, porque era de você que eu me valia para responder!

QUADERNA — *(Suspirando, melancólico.)* É verdade! E só Deus sabe como me ficava o coração para escrever aquelas cartas suas para ele, Mercedes!

MERCEDES — Meu Padrinho sempre brincalhão! Pois bem, meu Padrinho: com essa paixão toda, foi só Quintino chegar hoje aqui e botar os olhos em cima de minha irmã Aliana, para dizer que ela é muito mais bonita do que eu, e que agora ele não se casa mais comigo não, só casa se for com ela!

QUADERNA — Mas Aliana não vai casar com Laércio Peba?

MERCEDES — Foi o que meu pai lembrou a Quintino, esse pequeno detalhe! Mas Quintino está renitente: diz que não cede de jeito nenhum! Ou casa com Aliana, ou não casa com ninguém!

QUADERNA — Isso foi uma ruindade de seu noivo, minha afilhada! Como é que se troca uma moça bonita e viva como você por aquela cabra-morta de sua irmã?

MERCEDES — Você diz isso porque é meu padrinho e gosta de mim! Mas todo mundo diz que Aliana é mais bonita do que eu!

QUADERNA — É nada! Aliana é uma cabra-morta! Vive calada, com as mãos cruzadas no colo, espiando a maçaranduba do tempo. O povo pensa que aquilo é calma; mas não é não, é burrice: não ocorre nada a ela!

MERCEDES — Aliana é mais bonita! Tanto que Quintino Estrela não quer mais casar comigo e me largou por causa dela!

QUADERNA — Bem, se eu estivesse no lugar de Quintino, eu é que não queria essa troca! Mas gosto não se discute, e coração não se governa! Vamos até sua casa! Vou falar com seu pai e seu noivo! Você vai ver como ajeito tudo e como você termina casando é com Quintino, mesmo!

MERCEDES — Mas acontece que, agora, eu é que não quero me casar mais com aquela peste, aquela morrinha, aquela desgraça! Depois de uma ofensa dessas!

QUADERNA — Então, se você está com essa raiva toda dele, deixe Quintino casar com Aliana, como ele quer!

MERCEDES — Eu? Eu não! Fico desmoralizada, meu Padrinho! Sou mais velha do que Aliana dois anos! Vou lá deixar que ela case, antes de mim, com um noivo que foi meu?

QUADERNA — Calma, meu bem! Está começando a aparecer uma luz na minha cabeça! Me faça um favor: passe na loja de seu Antônio Frágoso e diga a Laércio Peba que eu quero falar com ele! Mas não saia por aí não! Saia aqui, pelo outro lado. *(Beija-a na testa, mas abraçando-a de modo mais íntimo e carinhoso do que o normal.)* Escute-me: dê um tempo e depois volte cá, com seu pai, sua mãe e sua irmã. Confie em mim, que tudo vai terminar se resolvendo!

MERCEDES sai por uma porta. Entra, por outra, QUINTINO.

QUADERNA — Quintino Estrela, muito prazer! Pedro Dinis Quaderna! Pedi que viesse aqui por causa das custas.

QUINTINO — Seu Pedro Dinis Quaderna, não tenho dúvidas em pagar as custas, mas só depois de ter certeza de que vou casar e *com quem* vou casar! Está havendo um pequeno problema no meu casamento com sua afilhada Mercedes.

QUADERNA — Já sei, ela esteve aqui. Olhe, você me desculpe estar, assim, me metendo neste assunto, mas Mercedes é minha afilhada e eu não posso entender que um casamento tão bem iniciado vá por água abaixo em condições tão incompreensíveis. Você não estava tão apaixonado? Não estava tão feliz com Mercedes, tão entusiasmado com o casamento?

QUINTINO — Estava, mas era porque não conhecia a outra moça, Dona Aliana! Depois que vi Dona Aliana, notei que ela é muito mais bonita do que Dona Mercedes, e que, casando com a irmã de minha noiva, eu faço muito melhor negócio do que casando com minha noiva, mesmo! Para um boiadeiro vivo, seria uma desmoralização casar com a mais feia, deixando, no mesmo dia, um bosta da qualidade desse tal de Laércio Peba casar com a mais bonita!

QUADERNA — Não, Laércio não chega a ser um bosta não, é somente meio abestalhado! E depois, eu não estou de acordo com esse julgamento não: por mim, eu prefiro Mercedes a Aliana!

QUINTINO — O senhor está doido! Dona Aliana é dez vezes mais bonita! Era a mesma coisa que, entre duas garotas do mesmo preço, eu escolhesse a mais feia e deixasse a mais bonita para o bosta do Laércio Peba! Tenho razão ou não tenho? Seria uma desmoralização, um mau negócio! E, desmoralizado em negócio, um boiadeiro como eu não pode ficar! É uma questão de honra!

QUADERNA — Bem, se você encara a história como questão de honra, não tenho mais nem sequer o direito de me intrometer! Mas você entenda, também, minha posição, a situação em que me acho. Mercedes é minha afilhada, de modo que você não estranhe que eu, pelo meu lado, tome minhas providências para ajeitar a vida dela, que vai ficar meio desmantelada com esse casamento desmanchado assim, em cima da hora!

QUINTINO — Está no seu direito! Desde que não seja para me desmoralizar com um mau negócio na compra de duas garotas como essas, o senhor

tem toda liberdade para ajeitar a vida de sua afilhada!

QUADERNA — Está bem, agradeço a compreensão. Mas peço que saia um momento. Me espere aí fora, e só volte quando eu chamar, porque vem ali uma pessoa com quem preciso falar confidencialmente.

QUINTINO *sai por uma das portas. Entra* LAÉRCIO.

LAÉRCIO — Seu Quaderna, o senhor mandou me chamar?

QUADERNA — Mandei, Laércio, mandei! Me diga uma coisa: é verdade o que me contaram?

LAÉRCIO — Conforme! O que foi que contaram ao senhor?

QUADERNA — Mercedes veio me procurar aqui. Estava furiosa, porque esse noivo dela, Quintino Estrela, disse que agora, depois que viu sua noiva Aliana, não casa mais com a noiva dele não, só casa se for com a sua. É verdade, isso?

LAÉRCIO — É, parece que ele disse isso!

QUADERNA — Parece? Afinal, ele disse ou não disse?

LAÉRCIO — É, ele disse!

QUADERNA — *(Fingindo escandalizar-se.)* Na sua frente?

LAÉRCIO — Bem, na minha frente mesmo, não! Ele pegou Tio Corsino por um braço, chamou assim pra um canto da sala e disse tudo a ele, baixo.

QUADERNA — Baixo? E como foi que você ouviu?

LAÉRCIO — Eles começaram a discutir, Quintino levantou a voz, e foi aí que todo mundo ouviu ele dizer que agora só casa se for com Aliana, que é muito mais bonita!

QUADERNA — E você está de acordo com isso, homem?

LAÉRCIO — Eu? Eu não!

QUADERNA — E por que não reagiu logo, ali na hora?

LAÉRCIO — *(Meio aparvalhado.)* Reagir como?

QUADERNA — Você devia, pelo menos, ter ameaçado de dar umas tapas naquele boiadeiro atrevido!

LAÉRCIO — Umas tapas? *(Meio sem jeito.)* É, eu devia, talvez, ter dado umas tapas nele. Mas Quintino estava armado, e eu não!

QUADERNA — É verdade, tem razão! *(Reforçando.)* Além disso, Quintino está sendo acompanhado pelo Cigano Pereira, que, como todo mundo sabe, é homem criminoso e de maus-bofes!

LAÉRCIO — *(Satisfeito pelo pretexto.)* É isso mesmo! Foi por isso que não reagi!

QUADERNA — Quer dizer que vai deixar correr tudo como Quintino quer?

LAÉRCIO — Eu? Eu, não! Fiquei calado na hora, mas, quando ele saiu, eu disse a Tio Corsino que não estava de acordo nem que ele se danasse comigo! Agora, quero ver como é que o casamento desse boiadeiro se faz!

QUADERNA — *(Propositadamente casual.)* E Compadre Corsino? Está a seu favor ou a favor de Quintino Estrela?

LAÉRCIO — A meu favor, é claro!

QUADERNA — Ele garantiu isso? Deu a palavra dele?

LAÉRCIO — Não! Mas como é que Tio Corsino pode ficar do lado de um sujeito que ele conheceu hoje pra ficar contra mim, que sou sobrinho dele?

QUADERNA — *(Pensativo.)* É mesmo! Olhe, Laércio, Mercedes pediu que eu resolvesse esse caso, e é o que vou tentar, caso você não faça objeção!

LAÉRCIO — Que é isso, Seu Quaderna! Se o senhor resolver essa história, me faz, também, um grande favor, uma obra de caridade!

QUADERNA — Então, saia um pouco para a outra sala. Seu Tio vem ali com a família. Preciso falar com eles, e sua presença iria atrapalhar um pouco a conversa.

Sai LAÉRCIO. Entram CORSINO, PERPÉTUA, MERCEDES e ALIANA.

CORSINO — Ah, Compadre Quaderna, que problema! Já soube da desgraça que nos aconteceu?

QUADERNA — Soube assim, por alto! Laércio esteve aqui e me contou, mais ou menos, a história!

PERPÉTUA — Ah, Laércio esteve aqui... E o que foi que ele disse? Qual é a opinião dele sobre isso?

QUADERNA — Laércio acha que já estava tudo combinado, de modo que, pelo gosto dele, ele casa, mesmo, é aqui com Dona Aliana!

CORSINO — É o diabo! É danado! E acontecer uma história dessas no dia, quase na hora do casamento!

QUADERNA — Qual é sua opinião sobre isso tudo, Compadre?

CORSINO — E eu sei lá, Compadre de minh'alma! Estava tudo tão bem combinado, e agora esse rapaz do Pajeú sai-se com uma doidice dessa qualidade!

PERPÉTUA — Um rapaz como Quintino, tão agradável, tão bem apessoado! E rico! O homem compra e vende bois por aquele mundo todo, dizem que ganha um dinheirão! E a gente perder esse genro, na situação difícil em que estamos... É danado!

MERCEDES — *(Encrespando-se.)* Mamãe, quem ouviu você falar, vê logo que você está do lado de Quintino e Aliana, contra mim!

PERPÉTUA — *(Chorosa.)* Minha filha, que do lado de Quintino que nada! Estou é do lado de vocês todos! Mas, se Quintino tem esse gosto, se está com essa teimosia, acho que não custava ceder *um pouco* ao que ele quer!

CORSINO — Ceder? Ceder coisa nenhuma, mulher! Se a gente ceder Aliana a ele, assim sem mais nem menos, Mercedes fica sem casar!

MERCEDES — O quê, meu pai?

QUADERNA — *(Interrompendo.)* Um momento! Um momento, minha afilhada! Compadre Corsino, eu queria que vocês saíssem e me deixassem ter, aqui, um particular com minha afilhada Mercedes! Vocês poderiam sair um pouco, lá para a outra sala? Não, nessa não! Na outra!

CORSINO — Vamos, Aliana! Vamos, Perpétua! Eu não dizia a vocês que Compadre Quaderna era o único homem capaz de resolver essa complicação?

Saem os três para outra sala que não a de LAÉRCIO.

QUADERNA — Mercedes, minha querida! Por que você mesma não resolve essa história?

MERCEDES — Eu, meu Padrinho? Como?

QUADERNA — Ceda Quintino a Aliana e case com Laércio!

MERCEDES — Eu? Pra ficar desmoralizada, aceitando aquele idiota, *sobejo*, *resto* de Aliana?

QUADERNA — *Sobejo*, não! Laércio só seria *resto* de Aliana se ela já tivesse acabado o casamento com ele! Mas ela não acabou não, ainda é noiva dele, de modo que você é quem vai tomar o noivo dela!

MERCEDES — Mas aí ela vai tomar o meu!

QUADERNA — Aliana não vai *tomar* coisa nenhuma sua, porque, quando ela noivar, você já terá deixado Quintino por Laércio! Ela é quem vai ficar com seu *resto*, com Quintino, com o *sobejo* que você vai deixar!

MERCEDES — *(Animando-se um pouco.)* Sabe que é mesmo? *(Desanimada de novo.)* Mas Laércio é um abestalhado!

QUADERNA — Melhor pra nós, Mercedes! Melhor para mim, que gosto tanto da minha afilhada e que, assim, vou poder ficar com ela, aqui em Taperoá! Se você casasse com Quintino Estrela, ia-se embora morar no Pajeú e

nunca mais eu botava os olhos em cima de você! E, mesmo que viesse cá de vez em quando, aquele boiadeiro tem cara de sujeito ciumento e desconfiado! Nunca mais ele ia deixar que você viesse aqui ao meu Consultório Sentimental para eu lhe *deitar* cartas, *ler* sua mão e *tirar* seu horóscopo!

MERCEDES — (*Olhando-o nos olhos.*) Ah, se meu Padrinho quisesse, eu bem sabia com quem era que havia de casar!

QUADERNA — Não pode, meu amor! A diferença de idade é muito grande!

MERCEDES — Que besteira, meu Padrinho! Eu não ligo isso não, e tenho tanto carinho por você!

QUADERNA — Eu também, Mercedes! O que eu sinto por você é uma coisa tão pura! Mas você sabe que, pelas leis de Deus, nem padrinho pode casar com afilhada, nem compadre com comadre! Sabe o que é que acontece com quem desrespeita essa lei?

MERCEDES — Não!

QUADERNA — Vai para o Inferno de cabeça pra baixo e é obrigado, toda noite, a dormir com o Diabo, na cama dele!

MERCEDES — Deus me livre!

QUADERNA — (*Persignando-se.*) E a mim também! Mas veja: seu casamento com Laércio é que vai resolver nossa situação, a sua e a minha! Laércio é um rapaz bom, ingênuo, sem maldade, incapaz de desconfiar de qualquer coisa nesse mundo! Casando com ele, fique certa de que vou poder continuar orientando sua vida aqui, pelas cartas! Você virá aqui, de vez em quando, e uma coisa eu lhe garanto: não vai ser por falta de carinho e

de assistência moral que você vai sofrer, com o abandono de Quintino e a leseira de Laércio!

MERCEDES — *(Vingativa.)* Sabe do que mais, meu Padrinho? Você tem razão! Então é assim, é? Um me larga, o outro é um besta, meu pai e minha mãe me desprestigiam, só meu Padrinho é quem pensa em mim, fica do meu lado e gosta de mim? Pois eu topo! Topo a troca de Quintino por Laércio!

QUADERNA — *(Abraçando-a carinhosamente.)* Pois Deus recompense seu bom gênio, meu amor! Você é um anjo! Nem Quintino nem Laércio merecem você! Sua bondade é que vai resolver o problema e fazer a felicidade de todo mundo! *(Indo à porta.)* Comadre Perpétua! Compadre Corsino! Dona Aliana! Cheguem aqui. *(Entram os três.)* Olhe, Compadre, me ocorreu, aqui, uma ideia que pode resolver tudo!

PERPÉTUA — Resolver tudo? Como?

QUADERNA — Trocam-se os noivos. Mercedes casa com Laércio e Aliana com Quintino!

CORSINO — *(Decepcionado.)* Oxente, eu pensei que era alguma novidade! Nisso nós já tínhamos pensado! Foi o que Quintino propôs, mas Laércio e Mercedes não quiseram! Mercedes está de acordo, agora?

QUADERNA — Mercedes, com o gênio de santa que tem, não faz objeções! Mas, com uma condição! Mercedes concorda com a troca contanto que seja ela a primeira a acabar o noivado oficialmente! Só depois disso é que Quintino pede Dona Aliana em casamento! Dona Aliana concorda?

ALIANA — Era o que faltava, eu ligar pra essas besteiras de homem-sim, homem-não!

PERPÉTUA — *(Escandalizada.)* Minha filha!

ALIANA — Pra mim, tanto faz Quintino como Laércio, tanto faz casar como não!

PERPÉTUA — Minha filha!

ALIANA — Caso com qualquer um dos dois, e também posso até deixar de casar de uma vez! Pra mim, tanto faz!

QUADERNA — *(Baixo, para MERCEDES.)* Está vendo que cabra-morta? *(Alto.)* Como todos podem ver, é a solução!

CORSINO — Mas será que Laércio concorda?

QUADERNA — Deixem comigo! Voltem para a sala onde estavam, que vou falar com Laércio! *(Saem, acompanhados por MERCEDES.)* Laércio! Venha cá, por favor! *(Entra LAÉRCIO.)* Olhe, Laércio, estive falando com o pessoal de sua noiva e o negócio parece que está meio empancado para o seu lado! Comadre Perpétua acha que você, sendo pessoa da família, poderia ter mais boa vontade e ceder *um pouco* para que tudo se resolvesse!

LAÉRCIO — Mas ceder *um pouco* como? Resolver tudo, como? Dando minha noiva a Quintino?

QUADERNA — Não, *dando* sua noiva não, *trocando* sua noiva pela de Quintino! Ele casa com Aliana, como está querendo, e você casa com Mercedes!

LAÉRCIO — Mas Aliana é mais bonita!

QUADERNA — Que tolice, Laércio! Todas duas são bonitas, todas duas são boas moças, todas duas são suas primas! Pra você, não faz diferença nenhuma!

LAÉRCIO — Pois se não faz diferença é melhor que eu me case mesmo com Aliana! Eu já era noivo dela, me acostumei com essa ideia, de modo que caso é com ela, mesmo!

QUADERNA — Laércio, eu, se fosse você, pensaria um pouco mais no assunto. Com a seca, a situação está muito ruim. Você é um caixeiro, Quintino Estrela tem muito mais dinheiro do que você. Seus tios não me disseram nada diretamente, mas, pela nossa conversa, eu entendi que eles não estão em condições de perder aquele genro boiadeiro e rico de jeito nenhum! Em último caso, eles vão ter que fazer somente o casamento de Aliana com Quintino. E aí vai ser pior para você: todo mundo vai ficar mangando e rindo de você, porque tomaram sua noiva e não lhe deram nada em troca!

LAÉRCIO — Mangando de mim porque não me deram nada em troca...

QUADERNA — Agora veja como a coisa muda de figura se você casar com Mercedes! Primeiro, ninguém pode dizer mais que você ficou sem nada, porque você terá ganho outra noiva em troca da que perdeu. Em segundo lugar, por enquanto está tudo no mesmo pé: você ainda é noivo de Aliana, e Quintino é noivo de Mercedes.

LAÉRCIO — Eu sou noivo de Aliana e Quintino é de Mercedes...

QUADERNA — Caso se faça o acordo, Mercedes vai a Quintino e acaba o casamento dela. Aí, você vai a Aliana e acaba o seu!

LAÉRCIO — Quem acaba sou eu...

QUADERNA — Claro! Depois, você vai a Mercedes e noiva com ela! Somente depois disso tudo é que Quintino pede Aliana! Assim, ninguém pode dizer que Quintino tomou sua noiva. Você é quem vai tomar a noiva dele, porque vai noivar com ela antes dele noivar com aquela que tinha sido

sua. E nisso tudo você ainda pode lucrar uma boa compensação no negócio, Laércio!

LAÉRCIO — Lucrar? Uma compensação? Que compensação?

QUADERNA — Aqui no Sertão, quando a gente troca uma novilha ou uma potranca por outra melhor, não paga um dinheiro ao dono da boa, como *volta*?

LAÉRCIO — Paga!

QUADERNA — Pois, mal comparando, se você trocar Aliana por Mercedes, você pode conseguir uma *volta* no negócio! Seu Tio Corsino vai ficar tão contente por poder de novo casar as duas filhas no mesmo dia, que bem pode dar alguma coisa a você, em troca de sua boa vontade.

LAÉRCIO — O senhor acha que Tio Corsino pode me dar alguma coisa boa?

QUADERNA — Acho! Você quer que eu fale com ele sobre isso?

LAÉRCIO — Quero, quero! Fale, Seu Quaderna! Se Tio Corsino me der uma volta boa, mesmo, eu topo a troca e o casamento com Mercedes! Agora estou vendo que o senhor tem razão: todas duas são bonitas, todas duas são minhas primas e qualquer uma das duas me serve!

QUADERNA — Então, ótimo, Laércio! Só gosto das pessoas assim como você, abertas e compreensivas! Saia de novo, vou falar com seu tio!

Sai LAÉRCIO. QUADERNA vai à porta por onde saiu CORSINO.

QUADERNA — Compadre Corsino, dê um pulo aqui! Sozinho! Preciso falar-lhe em particular! (*Entra CORSINO.*) Compadre, falei com Laércio. No começo,

ele ficou contra a nossa ideia. Mas eu discuti e terminamos chegando a um acordo. Ele concorda em ceder Aliana a Quintino se, em troca, você der a ele Mercedes e mais uma volta!

CORSINO — Pois está certo! Eu dou a volta, pra ninguém dizer que não tive boa vontade. O que é que Laércio quer, de volta?

QUADERNA — Ele não me disse não, mas eu pensei o seguinte. Laércio tem um pequeno pedaço de terra, que ele comprou com as economias do que ganha como caixeiro. Soube que ele andou querendo comprar uma junta de bois para trabalhar na terra e não pôde fazer o negócio por falta de dinheiro. Por que você não dá a Laércio uma junta de bois de carro?

CORSINO — Ah, não! Uma junta é demais! Dou um boi, só!

QUADERNA — Mas Compadre, ele vai ceder a noiva! Veja que não é coisa pouca não! Dê a junta!

CORSINO — Dou um boi e já é demais! Não discuta isso não, Compadre! Quem sabe das minhas posses sou eu, quem sabe o que eu posso dar ou não, sou eu! Dou o boi: se ele quiser, o casamento de Mercedes com ele se faz. Se não, não se faz: Aliana casa com Quintino e acabou-se!

QUADERNA — Está bem, vou ver se ele aceita! Qual é o boi que você vai dar?

CORSINO — É um boi que se chama “Bordado”. Desmancho a junta que ele faz com “Bem-Feito” e dou “Bordado” a Laércio.

QUADERNA — Está bem, Compadre, saia um pouco: vou fazer a proposta a Laércio. Mas não fale dessa história da volta a Mercedes de jeito nenhum! Diga somente que Laércio concorda, em princípio, e que eu estou ultimando os termos do acordo.

CORSINO — Está bem. *(Sai.)*

QUADERNA — Laércio! *(Entra LAÉRCIO.)* Laércio, meus parabéns. Está tudo resolvido! Você cede Aliana a Quintino, casa com Mercedes, e seu sogro lhe dá, como volta, um boi de carro que ele tem, “Bordado”.

LAÉRCIO — Ah, não! Um boi, só? Até a junta é pouco! Pra que desmanchar a junta que “Bordado” faz com “Bem-Feito”? Então meu tio acha que ceder minha noiva àquele boiadeiro safado é coisa pouca? Não, assim não cedo não! Diga a Tio Corsino que ele me dê a junta completa e mais vinte contos, que aí eu aceito!

QUADERNA — Mas Laércio, que exagero! A diferença de Mercedes para Aliana também não é tão grande assim não!

LAÉRCIO — Seu Quaderna, isso não discuta não, porque eu sei o que estou fazendo! Quem vai ceder a noiva sou eu, de modo que quem determina a volta sou eu! Para mim, é uma questão de honra!

QUADERNA — Está bem, Laércio! Com questões de honra não se brinca! Saia! *(LAÉRCIO volta a seu lugar.)* Quintino! Quintino Estrela! Venha cá, por favor! *(Entram QUINTINO, ARISTIDES e o CIGANO PEREIRA.)* Quintino, o negócio do seu casamento está bem encaminhado e pode se resolver. Falei com Laércio Peba: ele concorda em ceder Aliana a você, casando ele, em troca, com Mercedes!

QUINTINO — E não foi o que eu propus desde o começo? Por que aquele bosta não cedeu logo?

QUADERNA — Bem, você veja que não é fácil uma pessoa se convencer assim, logo, que deve ceder a noiva a outro e casar com a irmã dela! Mas agora Laércio viu que, para ele que é primo, tanto faz casar com Mercedes como com Aliana!

QUINTINO — Então, ótimo! O casamento vai ser religioso com efeito civil. Os papéis estão prontos, não estão? Então vamos para a igreja, que o padre está esperando.

QUADERNA — Espere, homem! Existe, ainda, uma dificuldade a vencer! Laércio concorda com a troca, mas exige uma volta, pelo fato de Aliana ser mais bonita do que Mercedes — o que, aliás, você foi o primeiro a reconhecer! Fui procurar Compadre Corsino e ele mandou oferecer a Laércio um boi de carro. Mas Laércio só aceita se for uma junta e mais vinte contos. Lembrei-me então de que você, sendo boiadeiro e homem rico, pode dar a parte da volta que está faltando, isto é, um boi e mais vinte contos!

QUINTINO — Olhe aí, Seu Quaderna, essa volta está grande demais! Se a coisa vai nesse pé, daqui a pouco termino fazendo mau negócio de novo! Diga a esse tal de Laércio que o que eu posso fazer é dar o outro boi, pra ele completar a junta. Os vinte contos, eu não dou não. Não acha, Aristides?

ARISTIDES — Acho, Quintino! Assim, mau negócio por mau negócio, era melhor não ter nem começado a troca das noivas!

QUINTINO — Tem razão, Aristides! Diga a Laércio, Seu Quaderna, que dou o boi! Se ele quiser, está resolvido! Se não, sei que termino me casando com a noiva dele e ele sem noiva nenhuma!

QUADERNA — Está bem! Vamos ver o que se pode fazer.

CIGANO — Será que o tal do Laércio não aceita somente a junta de bois?

QUADERNA — Acho que não, Seu Pereira! Pela cara dele, o homem não cede nisso nem a cacete! É questão de honra!

CIGANO — Chame Laércio aqui pra gente conversar! Tenho um certo jeito para esses assuntos de troca e volta, de modo que acredito que posso ajudar!

QUADERNA — Pois vamos ver! Laércio! (*Entra LAÉRCIO, que fica todo enfarruscado ao ver QUINTINO.*) Laércio, quero lhe fazer um apelo! Fizemos, aqui, um acordo, e consegui o outro boi. Não dá pra aceitar a junta, só, não?

LAÉRCIO — Seu Quaderna, eu tive a maior das boas vontades! Abri mão da minha noiva pra outro somente pra não causar problemas e ver todo mundo feliz! Agora, também espero boa vontade das outras partes! Abrir mão de Aliana, eu abro, mas desses vinte contos, não tem quem me faça! Nessas questões de honra, eu sou duro!

QUADERNA — Então, acho que vai voltar tudo para o mesmo pé, porque esses vinte contos eu não vejo de onde tirar! Consegui a junta de bois. Mas quem iria entrar com esses vinte contos?

CIGANO — Eu! Eu pago os vinte contos!

QUADERNA — O quê?

CIGANO — Está estranhando, não é?

QUADERNA — O senhor não se ofenda não, mas nunca ninguém ouviu dizer que um cigano desse vinte contos assim a ninguém, fosse por qual motivo fosse!

CIGANO — Vocês entendem já! Você sabe, Laércio, que eu sou amigo de Quintino Estrela, amigo pra rir e pra chorar! O pessoal diz por aí que cigano é gente incapaz de gastar dinheiro, mesmo com um amigo... É verdade que eu já ganhei dinheiro com o casamento de Quintino, porque

fui eu que vendi a ele os cavalos da nossa viagem, do Pajeú até aqui. Assim, os vinte contos serão tirados do lucro que tive nessa venda. Mas, mesmo assim, a verdade é que o lucro já está no meu bolso, e o dinheiro vai sair dele. Assim, dagora por diante, vocês já podem dizer a todo mundo que viram um cigano gastar dinheiro grosso só por causa da amizade que tem a uma pessoa. Você dá sua palavra de que, com esses vinte contos, não aparece mais dificuldade nenhuma e o casamento se faz, Laércio?

LAÉRCIO — Dou!

CIGANO — Pois então, tome! Você recebe os vinte contos é agora! E vamos dar a boa notícia aos outros!

QUADERNA — Comadre Perpétua! Compadre Corsino! Aliana! Mercedes! Venham cá, por favor! (*Entram todos.*) Está tudo resolvido, e o casamento já pode se fazer!

CORSINO — Do jeito que foi combinado?

QUADERNA — Tudo certo, como foi combinado! Mas tudo tem que se passar como eu disse, não admito a menor ofensa a minha afilhada! Mercedes, acabe seu noivado com Quintino!

MERCEDES — (*Furiosa.*) Não quero me casar mais com você não, Quintino! Me dê minha aliança! (*QUINTINO obedece. MERCEDES joga a dela na cara dele. LAÉRCIO, de quatro pés, procura a aliança pelo chão e termina por apanhá-la.*)

QUADERNA — Bem, esse noivado está terminado e todos viram que foi Mercedes quem acabou! Laércio, acabe o seu com Aliana! (*LAÉRCIO vai a ALIANA e entrega-lhe a aliança, que ela recebe, ficando um momento sem saber o que fazer. LAÉRCIO, com um gesto, pede a sua, que ALIANA entrega.*) Bem, estão todos livres. Agora, Laércio, peça Mercedes em casamento!

LAÉRCIO — Tio Corsino, eu soube que Mercedes acabou o noivado dela com Quintino Estrela! Sendo assim, eu queria noivar com ela! Descobri que não é de Aliana que eu gosto não, é de Mercedes!

CORSINO — Pode noivar, Laércio! Faço muito gosto nesse casamento!

LAÉRCIO e MERCEDES trocam alianças.

QUADERNA — Agora, Quintino Estrela, se quiser, pode pedir Aliana!

QUINTINO — Dona Aliana, Dona Mercedes acabou o casamento comigo! Estou com o coração despedaçado! A senhora não quer me consolar, aceitando ficar no lugar de sua irmã e casando comigo não?

ALIANA — Pra mim, tanto faz! (*Trocam alianças.*)

PERPÉTUA — Vamos então para a igreja, que o padre está esperando há bem uma hora!

MERCEDES — Vão vocês! Eu tenho ainda um assunto a tratar com meu Padrinho. Vão na frente, eu chego já!

Saem todos, menos MERCEDES e QUADERNA.

QUADERNA — Minha afilhada, por que prolongar o meu martírio? Já que você tem de casar, que seja logo, para eu sofrer menos!

MERCEDES — Não, meu Padrinho! Tenho que lhe falar de um assunto muito sério. O senhor não disse que me achava mais bonita do que Aliana?

QUADERNA — Disse, e acho!

MERCEDES — Acha nada! Eu ouvi tudo dali, e sei que o abestalhado do Laércio só me aceitou com uma volta! Pra ele se convencer, o senhor chegou a me comparar com uma garrota ou uma égua!

QUADERNA — Uma égua não, uma potranca, e das mais lindas que conheço! Eu disse, de fato, isso, e consegui a volta. Mas isso não significa que seja essa minha opinião: eu tinha que falar assim, senão o negócio não se fazia!

MERCEDES — Não, você não está entendendo não, meu Padrinho! Eu acho que todo mundo tem razão: Aliana é, mesmo, mais bonita do que eu! Assim, se você, em vez de tomar o partido dela, tomou o meu, que sou menos bonita, tem direito também a uma volta... *(A luz do palco é apagada por QUADERNA.)*

MERCEDES — Que é isso? Por que apagou a luz?

QUADERNA — Pra gente conversar mais à vontade! Sempre ouvi dizer, no Seminário, que não se deve deixar para depois o que se pode fazer logo!

MERCEDES — Ou melhor, por que deixar para Laércio o que pode ser do meu querido padrinho? Só tenho medo é de que Laércio, hoje de noite, note alguma diferença entre o que ele espera e o que não existirá mais!

QUADERNA — Que nada, minha afilhada! Laércio, mesmo em estado normal, é incapaz de notar seja o que for! Essa boa qualidade dele será agravada, desde que você, de noite, ajude a bendita cegueira dele com um ou dois pequenos fingimentos. Por mim, assumo o compromisso de, na festa, fazer Laércio beber mais do que o necessário. Você vai ver, ele vai pegar no sono antes de tentar qualquer coisa e amanhã será ainda mais fácil ele não notar nada!

MERCEDES — Ai!

QUADERNA — O que foi?

MERCEDES — Bati com a perna aqui no sofá e caí deitada, nele!

QUADERNA — Coitadinha! Vou fazer uns agradinhos na sua perna para a dor passar!

MERCEDES — Meu Padrinho! O que é isso?

QUADERNA — Nada, meu amor! Tirei seu horóscopo, hoje. Lá se diz que, no dia de hoje, as moças do seu signo não devem ter hesitações em negócios amorosos porque, se a pessoa amada denotar firmeza, isso prenuncia felicidade para o resto da vida!

MERCEDES — Então é por isso que você está denotando tanta firmeza! Quando eu me batizei, não foi você que me serviu de padrinho numa cerimônia de iniciação?

QUADERNA — Foi!

MERCEDES — Pois essa é a segunda vez que você me faz essa caridade!

QUADERNA — É verdade! Ali, você entrava na infância! Quando virou moça, entrou na adolescência. Agora, vou ajudar você a encerrar a adolescência e a juventude, esse período que, como disse um estudante, fica situado entre a infância e o adultério! *(Pausa.)* Agora, vá para junto de seu noivo, meu amor! Nunca serei suficientemente grato para lhe pagar a bondade e o carinho com que me tratou! *(A luz se acende. QUADERNA está sozinho e se dirige ao público.)* Foi assim que tudo se resolveu e eu vivi alguns dos momentos mais felizes de minha vida, coisa que, como fiel cristão que sou, desejo a todos os nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos que me ouvem! Um só fato me deixava intrigado em tudo aquilo: eram os vinte contos do Cigano Pereira. Mas a explicação me chegaria quase

imediatamente. Na igreja, o casamento estava quase no fim quando me entraram, de volta, no Cartório, Seu Aristides e o Cigano Pereira.

QUADERNA senta-se à mesa e começa a escrever e a examinar documentos. Entram ARISTIDES e o CIGANO PEREIRA.

CIGANO — Seu Quaderna, viemos pedir, de volta, aquele documento que ficou no cofre.

QUADERNA — *(Atendendo ao pedido.)* Pois não!

CIGANO — Seu Quaderna, vi que o senhor é um dos meus, de modo que não posso deixar, de maneira nenhuma, que o senhor tenha uma ideia falsa a meu respeito. Agora, o senhor já pode: leia o documento, por favor.

QUADERNA — *(Depois de passar a vista no papel.)* É uma aposta!

CIGANO — É! Apostei com Aristides que seria capaz de convencer Quintino Estrela a trocar Mercedes por Aliana. Se conseguisse isso, ganharia cinquenta contos de Aristides, pagando a ele a mesma quantia em caso contrário.

QUADERNA — Mas Seu Aristides não fez nada para impedir!

ARISTIDES — Como o papel dele era o mais difícil, ficou combinado, no contrato, que Pereira poderia “tomar iniciativas”, e eu não!

CIGANO — Graças ao senhor, porém, eu só tive que tomar duas iniciativas. A primeira, quando, na hora em que chegamos, mostrei a Quintino que a noiva de Laércio era mais bonita e que ele faria um mau negócio casando com a dele mesmo. A outra, foi a de pagar os vinte contos da volta a Laércio. Mas, mesmo aí, fiz bom negócio: gastei vinte contos, mas agora

recebo esses vinte e mais trinta, pela aposta. Valia a pena arriscar, e foi por isso que com tanta facilidade eu concordei em completar a volta que Laércio exigia.

QUADERNA — Ah, agora estou entendendo tudo e posso dizer que matei a charada. O casamento terminou, o pessoal vem aí para tomar comigo um copo de vinho. Vocês estão convidados. *(Entram os três casais, de braço dado, e QUADERNA os vai saudando pelo ritmo da entrada meio triunfal.)* Compadre Corsino... Comadre Perpétua! Quintino Estrela... Dona Aliana! Laércio Peba... *(Carinhoso e efusivo.)* Mercedes, minha afilhada! *(Beija-lhe galantemente a mão.)* Entrem, entrem, estou muito feliz, porque, talvez sem muita semelhança, nisso, entre as leis da Vida e as leis do Código, o casamento de Mercedes e Aliana é um desses raros acontecimentos em que tudo termina bem, com todo mundo lucrando e todo mundo satisfeito.

PERPÉTUA — O que foi que nós ganhamos?

QUADERNA — Vocês, meus Compadres, desencalharam duas filhas solteiras e dispendiosas e ganharam dois genros como sonhavam. *(Todos aplaudem o casal.)*

QUINTINO — E nós?

QUADERNA — Aliana ganhou um marido mais rico do que o noivo que tinha, e Quintino uma mulher que dizem ser mais bonita do que a noiva que lhe estava destinada — opinião que absolutamente não é a minha, Dona Aliana que me perdoe!

ALIANA — Era o que faltava eu ligar uma besteira dessas!

LAÉRCIO — E eu? O que foi que eu ganhei, mesmo?

QUADERNA — Ganhou Mercedes, uma junta de bois e mais vinte contos! Acha pouco?

LAÉRCIO — Não, Seu Quaderna, tenho que reconhecer, na frente de todos, que, com o que o senhor fez aqui a mim e a Mercedes, eu fico lhe devendo para o resto da vida uma obra de caridade.

QUADERNA — Então tome mais um copo de vinho, para celebrar.

MERCEDES — (*Carinhosa.*) E eu, meu Padrinho?

QUADERNA — Você ganhou um marido bom e confiante e o direito de continuar tirando horóscopos aqui em meu Consultório sempre que precisar ou tiver vontade. Eu, além da alegria de prestar um serviço a Mercedes, ganhei o direito de continuar a conviver com ela, que agora continua morando aqui, de modo que posso continuar dando conforto, consolação e assistência moral a uma afilhada ardorosa e muito querida — como aliás é minha obrigação de padrinho. O Cigano Pereira teve o lucro da venda dos cavalos e mais trinta contos que ele ganhou numa aposta, que fez com Seu Aristides.

ARISTIDES — Mas eu perdi a aposta. Então, o que foi que ganhei?

QUADERNA — Ganhou uma viagem de recreio a Taperoá com todas as despesas pagas por Quintino. E ganhou, sobretudo, a lição de que ninguém deve nunca, em hipótese nenhuma, fazer aposta com cigano. (*Dirige-se ao público.*) E como fui vitorioso também nesta conchambrança, tenho de novo o direito de me coroar, o que, desta vez, como Napoleão, vou fazer por minhas próprias mãos! (*Ergue a Coroa acima da cabeça, olhando-a.*) Foi Deus quem me deu esta Coroa, ai de quem tocar nela! (*Ajusta a Coroa na cabeça.*) Peço que os outros atores voltem para cantarmos juntos, numa Apoteose, o Hino que escrevi contra os inimigos do Brasil — os gringos de fora e os entreguistas de dentro! Inclusive os entreguistas culturais! Toquem a música. Vamos cantar todos e depois me

acompanhem porque, vencendo mais uma vez minha modéstia e humildade cristã, vou sair de cena seguido por meu Cortejo real! (*Soa a música e todos cantam, saindo, depois, em Cortejo, com QUADERNA à frente.*)


Todos — Brasileiros que têm vergonha etc.

FIM DO SEGUNDO ATO.



A decorative rectangular border with ornate, symmetrical corner designs and a central horizontal ornament.

TERCEIRO ATO



*N*o mesmo cenário que os dois primeiros. A um canto, um caixão de defunto, com quatro velas grandes, nos ângulos; ou então, pelo menos uma grande vela, no lugar em que se presume estar a cabeça do morto. Adélia, vestida de encarnado, está imóvel, noutro canto, com um porquinho na mão. Entram o Juiz, Doutor Rolando Sapo, e Quaderna. O Juiz é incrivelmente míope e enfia o nariz em tudo, para poder ver.

JUIZ — Mas é possível? Não houve um jeito de nos livrarmos desse defunto sem dono?

QUADERNA — Não estou dizendo ao senhor que fiz o que foi possível? Chegaram com o caixão, derramaram o pacote e foram-se embora!

JUIZ — Isso é coisa pra Igreja resolver! O padre tinha mais obrigação!

QUADERNA — Foi o que eu disse, mas eles responderam que daqui é que devia partir o enterro!

JUIZ — E o Cego morreu aqui?

QUADERNA — Morreu na rua. Mas, como pedia esmola sentado aí na porta do Cartório, ficaram logo dizendo que era nossa obrigação!

JUIZ — E onde é que está o defunto?

QUADERNA — Aí, Seu Juiz! Aí!

JUIZ — Nossa Senhora! Não diga! Onde?

QUADERNA — Ora onde, aí! Aí!

JUIZ — (*Apalpando um móvel.*) Estou vendo, aqui! Coitado de Pedro Cego, morrer assim! Aqui é o nariz?

QUADERNA — Não, aí é o armário!

JUIZ — O *armário* do defunto? Vote! Vai pra lá que eu não sou de sacrilégio!

QUADERNA — Doutor, o nariz é do outro lado!

JUIZ — Que é do outro lado, eu sei! De um lado fica o nariz, o “armário” é do outro lado! É aqui?

QUADERNA — Não, Doutor! É do outro lado da sala!

JUIZ — Ah, sim, agora encontrei. (*Ajoelha-se.*) Achei, está aqui! Pedro Cego, que a terra lhe seja leve! (*Apalpa o porquinho de Adélia.*)

QUADERNA — Doutor, isso aí é o porco!

JUIZ — Não diga isso! Respeite os mortos! Respeite Pedro Cego, que ele já morreu!

QUADERNA — Eu sei que ele já morreu! Mas isso aí é um porco e ainda está vivo!

JUIZ — Ora pinoia! E onde é que está esse peste desse defunto pra pelo menos se rezar por alma dessa desgraça?

QUADERNA — Mais pra lá! Mais pra lá!

JUIZ — Aqui? Cheguei, afinal?

QUADERNA — Mais pra lá um pouquinho!

JUIZ — (*Topando.*) Ai! Ai! Que diabo foi isso?

QUADERNA — Um banco!

JUIZ — Isso é uma desgraça! Que coisa mais trabalhosa só é procurar defunto! É aqui, finalmente?

QUADERNA — É! Doutor, o senhor precisa arranjar um par de óculos! O senhor está ficando meio míope!

JUIZ — Que míope que nada! É que ultimamente as coisas deram para ficar longe! Sou um saco de doenças, mas, quanto a isso de ver, enxergo perfeitamente! (*Aponta o clarão da vela.*) Por exemplo: vejo a luz! Quando vejo a claridade sei logo que é a janela! Ai! Quase queimo as pestanas! Diabo de janela mais quente!

QUADERNA — Doutor Rolando, isso aí é a vela!

JUIZ — Que vela?

QUADERNA — É a vela grande que está aí, alumando o corpo de Pedro Cego!

JUIZ — Ah, o peste do defunto! Mas me diga mesmo, Quaderna, isso aqui é lugar de ninguém morrer? Quem já viu uma coisa dessas, um defunto no Cartório! Que negócio mais sem jeito! Isso é que é um defunto inconveniente! Bem, se não tem outro jeito, faz-se o enterro com a verba de conservação do prédio! Pedro Cego, vá com Deus!

QUADERNA — Doutor, é o porco de novo!

JUIZ — Eu vi, eu vi que era o porco! Ó Quaderna, que diabo faz esse porco aqui no Cartório? Será que é pouco o defunto, inda trazem um porco!

QUADERNA — Foi Dona Adélia quem trouxe!

JUIZ — Ah, foi? Bem, se fede um pouco, pelo menos está vivo! Venha cá, meu filho! *(Apalpa Adélia, que lhe dá uma tapa na cara.)*

ADÉLIA — Êpa, vá pra lá!

JUIZ — Que foi isso? Bati com a venta no muro?

QUADERNA — Não, bateu na dona do porco! O senhor, Doutor Rolando Sapo, sem querer, pegou no “armário” da dona!

JUIZ — Quem é a dona?

ADÉLIA — Eu, Adélia!

JUIZ — A senhora me desculpe! Mas, também, pra que inventou de trazer porco pra cá? Dar-me uma tapa na cara!

ADÉLIA — O senhor também me desculpe! Mas, também, por que inventou de errar e me catucar?

JUIZ — Não faça confusão não, está ouvindo, Dona Adélia? Fique aqui, junto da janela, pra eu poder diferenciar! Pronto, agora não erro mais não: o caixão está de preto e ela está de encarnado! Assim, não tem mais errada! Se eu avisto um vulto preto, sei logo que é o caixão. O vulto encarnado, é a

dona do porco! Pronto, está bem! O que foi que esse porco veio fazer aqui, com dona e tudo?

ADÉLIA — Era o que eu ia dizer: o porco está em questão!

JUIZ — Ele é seu?

ADÉLIA — Não era não, mas agora é. Ele era de Carmelita, mas agora é muito é do meu!

JUIZ — Quem é essa Carmelita?

ADÉLIA — Carmelita é uma *catarina*!

JUIZ — Uma Catarina? De Bumba-meu-boi, é?

QUADERNA — Carmelita é uma mulher-dama, uma rapariga que está aí, na zona, no Rói-Couro! Chegou há um mês, de Campina Grande, e está tudo quanto é de homem doido por ela! É uma mulher linda!

JUIZ — E o nome de mulher-dama agora é Catarina, é?

ADÉLIA — Não é Frei Roque quem chama? Frei Roque chama as mulheres casadas de *caseiras* e as damas de *catarinas*!

QUADERNA — O Rói-Couro está assim, está assim de catarina! É a coisa mais animada!

JUIZ — E a senhora, Dona Adélia? A senhora é catarina do Rói-Couro?

ADÉLIA — O quê? Doutor, me respeite! Não é besta não? Eu sou uma mulher séria! Catarina é sua mãe!

JUIZ — Ah, é caseira! Desculpe!

ADÉLIA — Doutor, eu não sou caseira nem catarina, está bem? Eu sou donzela e solteira!

JUIZ — Desculpe, Dona, eu pensei...

ADÉLIA — O senhor não pensou nada nem vai pensar, está bem?

JUIZ — Está! Então, em que posso servi-la? O que é que há, donzela?

ADÉLIA — O que há, é que esse porco entrou-me em casa e quebrou-me o vidro de minha cristaleira!

JUIZ — O porco é da catarina que tem nome de Carmelita?

ADÉLIA — É, não, *era*! Ele me deu, hoje, um grande prejuízo! A dona não quer pagar, fiquei com o porco pra mim!

JUIZ — Então, está tudo em paz, não vejo questão nenhuma!

ADÉLIA — Mas eu vejo! Essa tal de Carmelita não se conforma em pagar o prejuízo e nem quer me dar o porco! É uma mulher perigosa e tem péssimos costumes! Está aí fora, com uma navalha na mão! Diz que, se eu não devolver o porco, ela me desmoraliza e me dá uma navalhada! Aí, eu vim pra cá, pro senhor me garantir a vida e meu direito!

JUIZ — Essa é boa! Toma o porco que pertence a uma catarina e quer que eu garanta tudo! Quaderna, fale, diga: essa tal de... Catarina, essa tal de

Carmelita é braba, mesmo?

QUADERNA — É mesmo que o cão, Doutor Rolando Sapo!

JUIZ — Meu Deus, meu Deus, que perigo! Será que ela vem pra cá?

ADÉLIA — Quem sabe? O senhor saia e vá perguntar a ela!

JUIZ — Deus me livre! Dona Adélia, sabe do que mais? Deixe de complicação, senão eu mando prendê-la! A senhora entre um pouco para ali, que eu já resolvo seu caso!

ADÉLIA — Mas é pra resolver mesmo, viu? *(Sai.)*

JUIZ — Minha Nossa Senhora, num dia só, um defunto, um porco e uma ameaça de navalhada! O que é que falta me acontecer?

QUADERNA — O que falta lhe acontecer já vem por ali! É Dona Júlia Sousa! Ela não vem aqui, hoje, para a audiência de desquite?

JUIZ — É mesmo, nem me lembrava! Não digo que sou sem sorte! Com tanta mulher por aí, por que logo Dona Júlia achou de se desquitar?

QUADERNA — O que é que tem Dona Júlia pro senhor ficar tão aperreado?

JUIZ — Ela não é a parteira?

QUADERNA — É!

JUIZ — Pois é ela quem me acode quando eu estou apertado!

QUADERNA — Oxente! A parteira? Não me diga que o senhor já pariu algum menino!

JUIZ — Que pariu que nada, Seu Quaderna! Não é besta não? Dona Júlia é quem me dá a lavagem que me salva, o clister que me destranca, quando estou nos meus apertos! Sem ela, me arrisco até a ter nó na tripa!

QUADERNA — Pensava que nó na tripa fosse doença de pobre! E o senhor toma clister? Nunca pensei que um Juiz passasse por essas coisas!

JUIZ — Pois eu passo e é o jeito! Passo, de três em três dias! Sou um saco de doenças! Tenho uma úlcera de estômago e duas no duodeno! Para o lado do pulmão, caverna é o pau que mais tem! Vivo roncando e tossindo, com laringite, bronquite, asma e catarro-maléfico! Nas pernas, é reumatismo! Nos braços, tenho fraqueza e retração dos tendões, além de mau jeito nos cotovelos. Para o lado do intestino, é onde está o pior! É aquilo que você sabe: paralisia epilética, flatulência, nó na tripa, e aquela prisão de ventre inteiramente trancada, que é presa incomunicável, sem *sursis* nem *habeas corpus*! Só quem relaxa a prisão de ventre que me persegue é Dona Júlia, a parteira!

QUADERNA — Não deixa de ser um parto!

JUIZ — Só ela é quem sabe a receita! Só ela sabe a maneira de cozinhar e a proporção das ervas e substâncias! Ela me dá um clister de mastruço, quenopódio, fedegoso, quebra-pedra, louro, cabeça-de-negro, jurubeba, quina-quina, couro de tamanduá, raspa de unha de preguiça, erva amarga, pinhão-brabo, capeba e casca-sagrada!

QUADERNA — E resolve o aperto?

JUIZ — Bem, resolve! É garantido: tomou, destampou!

QUADERNA — Também, com essa mistura toda, destampa-se até cimento!
Pois, Doutor Juiz, se prepare, porque vem chegando, agora mesmo, a
parteira do clister! E vem com o advogado, com o Doutor Ivo Beltrão!

JUIZ — Ivo Beltrão? Não fico aqui não, Quaderna! Se Dona Júlia contratou
esse doutor-chicaneiro, esse magrelo safado, é que está disposta a tudo!
Fique você! Mas se esconda! Ouça o que eles dois conversam e depois me
conte tudo! Se a coisa não for difícil, volto e julgo esse desquite! Ma se
tudo se complica, vou dar parte de doente!

QUADERNA — De doente?

JUIZ — Sim! Dou parte de doido e passo o cargo ao suplente! Ele, que não
tem nó na tripa, que resolva o caso como puder e da maneira mais
decente!

*Sai. QUADERNA esconde-se. Entram IVO e JÚLIA, ele de toga, ela de
vestido vermelho.*

JÚLIA — O senhor viu, Doutor? Aquela *quenga* safada está bem aí, na esquina!

IVO — Quem? Que *quenga*?

JÚLIA — Carmelita! O senhor não conhece ela não?

IVO — Não, Dona Júlia! Eu sou um homem casado e não vivo pelo Rói-Couro
não! Não sei nem quem é Carmelita!

JÚLIA — Pois ela está ali! Na certa, soube que é hoje a audiência em que se
tenta o acordo pra não haver o desquite! É por isso que está ali!

IVO — Mas Dona Júlia, se acalme!

JÚLIA — Me acalme que nada! Essa é a catarina que me roubou meu marido! É a causa do meu desquite! Sabe do que mais, Doutor? Vou acabar com moleza e dar umas tapas na cara dela!

IVO — Dona Júlia, que é isso? A senhora dá as tapas, pode tirar sangue nela! Diz o Código Penal que isso é crime! Quem é que se prejudica?

JÚLIA — Cadê o Código?

IVO — Aqui, olhe!

JÚLIA — Me dê! Está bom! É duro, grosso e pesado! Vou jogar na cara dela!

IVO — Dona Júlia, pense um pouco! A coisa mais alta e nobre que o homem tem é a lógica! Se todos usassem lógica, o mundo seria outro! Quer fazer esse desquite?

JÚLIA — Quero! Meu marido é um peste!

IVO — Então sente aí e deixe que eu oriente seu caso! A desmoralização dessa *dama* Carmelita fica para outra vez! Vou obrigá-la a vir cá depor como testemunha! Faça-lhe umas perguntas venenosas, ela vai me respondendo, se irrita, se zanga, diz o que quer e o que não quer, termina se desmoralizando!

JÚLIA — O senhor garante que cita essa catarina? Que ela vem aqui no Cartório e que se desmoraliza na frente de todo mundo?

IVO — Garanto! A questão, Dona Júlia, é a senhora pagar! A senhora me pagando, eu cito até o Diabo!

JÚLIA — Fico muito satisfeita que o senhor me diga isso, porque era exatamente o Diabo que eu ia pedir agora para o senhor citar!

IVO — Oxente!

JÚLIA — Oxente por quê? O senhor não disse que depende de pagamento? Pois eu também digo: o pagamento depende disso! Ou o senhor cita o Diabo, ou eu não lhe pago nada!

IVO — E como diabo é que eu posso citar quem nunca existiu? Dona Júlia, o Diabo não existe!

JÚLIA — Não existe o quê? Como é que não existe, se todo mundo sabe que ele berra, que tem rabo, casco, chifre e que aparece às pessoas?

IVO — Dona Júlia, isso é conversa que as pessoas religiosas inventam para intimidar o Povo e ficarem com prestígio!

JÚLIA — Tenha vergonha, Doutor! O senhor é ateu, é?

IVO — Sou! Eu não já disse que meu Deus é minha lógica? Como é que eu posso aceitar a existência do Diabo, que é a coisa mais sem lógica que existe nesse mundo?

JÚLIA — Ah, quer dizer que ele existe! Pode ser disparatado, mas que existe, isso existe!

IVO — Nada disso! Foi um modo de falar! Eu sou ateu!

JÚLIA — Pois seja ateu ou não seja, hoje, aqui, o senhor vai citar o Diabo!

IVO — Cuidado, o Juiz vem chegando!

JÚLIA — Cuidado? Cuidado, o quê? Se é ele quem vai fazer o que eu quero! O senhor vai requerer, mas quem vai citar o Diabo é ele! *(O JUIZ entra, tateando, e QUADERNA, sem que ninguém o note, sai de seu esconderijo.)* Não tem nada de cuidado! Doutor Rolando Sapo, muito bom dia!

JUIZ — A donzela de encarnado!

JÚLIA — Como é? Donzela o quê? Donzela o quê, Seu Juiz?

JUIZ — Não é mais donzela não? Pois diga que resolveu seu problema bem depressa! Eu não já disse que a senhora me esperasse? Fique perto da janela!

JÚLIA — Não sou donzela nenhuma!

JUIZ — É ela! Está de encarnado! Me diga mesmo: a senhora não é a mulher do porco?

JÚLIA — Sou! O senhor tem razão! Meu marido é um porco, mesmo!

IVO — Doutor Rolando!

JUIZ — De preto? É o caixão! *(Ajoelha-se.)* Pedro Cego, siga em paz o seu caminho pra sua última morada!

QUADERNA — Seu Juiz, é o Doutor Ivo! É porque ele está de toga!

JUIZ — Ah, é Ivo! Como vai, Ivo? Onde é que está o defunto?

Ivo — Que defunto?

JUIZ — Oi, roubaram, foi? Não tem um defunto solto aí pela sala não, Ivo?

IVO — Oxente, tem! Que diabo é isso?

JÚLIA — É Pedro Cego: esticou a canela! Não havia quem fizesse o enterro dele, eu mandei trazer pra cá!

IVO — Vote! No Cartório?

JUIZ — E onde é que está a mulher do porco?

JÚLIA — Aqui!

JUIZ — O porco quebrou sua cristaleira?

JÚLIA — Nada disso! Era o que faltava! E ele é homem pra isso? Quebro aquela cara cínica! Dou-lhe uma facada na boca e outra no zebescuefe! Era o que faltava! Além de largar a casa ainda quebrar os móveis! Ele não vai mais nem em casa, Doutor! Desde ontem que anda no mundo. Mas hoje ele me paga! Doutor, vim só lhe dizer: nada de conciliar! Me desquite agora mesmo daquele porco safado!

JUIZ — Vote! Quer se desquitar do porco?

JÚLIA — Quero! Não está na Lei? Não sou casada com ele?

JUIZ — Com o porco, minha senhora?

JÚLIA — É!

JUIZ — Mas me diga uma coisa: é do porco dessa tal de Carmelita que a senhora está falando, é?

JÚLIA — É esse mesmo!

JUIZ — Tenho ouvido falar, no mundo, de todos os tipos de tara e safadeza, mas como essa agora, nunca! Mulher tarada por porco? É o fim do mundo!

QUADERNA — Doutor, a mulher é outra!

JUIZ — Espere! Quantas mulheres de porco tem aqui? (*ADÉLIA aparece.*)

QUADERNA — Duas!

JUIZ — Todas duas de encarnado?

QUADERNA — Todas duas de encarnado!

JUIZ — A confusão vai ser grande! Espere! Onde é que está a mulher de encarnado do primeiro porco?

ADÉLIA — Sou eu, estou aqui!

JUIZ — A senhora fique ali! Cadê seu porco?

ADÉLIA — Está aqui!

JUIZ — O porco é de Carmelita?

ADÉLIA — Era, agora é meu!

JUIZ — É o que vai ser apurado! Muito bem! Onde está a mulher de encarnado do segundo porco?

JÚLIA — Aqui, sou eu!

JUIZ — O porco é seu?

JÚLIA — Era! Agora, é de Carmelita!

JUIZ — Então, por que tanta briga? Não tem problema nenhum: Carmelita perdeu um porco lá, recebeu outro por cá, por que tanta confusão?

JÚLIA — Acontece que esse porco que ela recebeu *por cá*, em troca do que perdeu, é meu marido!

QUADERNA — Doutor Rolando, essa aí é Dona Júlia, que veio para a audiência! Não quer mais conciliar: diz que a tal da Carmelita roubou o marido dela! Ele largou a casa ontem!

JUIZ — Ah, é Dona Júlia! Como vai, Dona Júlia?

JÚLIA — Mal, muito mal! E o senhor?

JUIZ — Vou como a senhora sabe!

JÚLIA — Eu comecei meu desquite e as coisas iam mais ou menos quando Frei Roque se meteu. Disse que tem esperança de, como ele diz, “salvar” meu casamento! Disse que ia procurar meu marido para obter que ele deixasse, de vez, aquela mulher desgraçada! Mas foi pior! Até ontem, meu marido pelo menos não tinha abandonado a casa. Com a interferência de Frei Roque, parece que resolveu fugir com a catarina. Digo isto porque desde ontem que Manuel não me aparece, que não pisa lá em casa. Mas

conto com o senhor, Doutor Rolando Sapo, para resolver o caso aqui a favor de sua amiga!

JUIZ — Lá vem desordem, Quaderna! Olhe, Dona Júlia, eu tenho que resolver seu caso como os outros, dentro da Lei!

JÚLIA — Ah, é? Pois resolva seus *trancados* de acordo com a Lei, também! De hoje em diante, Doutor, não conte com a garrafada! Se o senhor quer “bancar Anjo”, vai “virar Anjo” também! *Mais nada*, entendeu, Doutor? Por nenhuma extremidade! Nem garrafada por cima, nem destrancado por baixo!

JUIZ — Eu não disse que este caso ia acabar em desordem? O que é que a senhora quer que eu faça, Dona Júlia?

JÚLIA — Era o que eu estava dizendo aqui ao Doutor Beltrão! Mas, quando ia explicar tudo, sua chegada interrompeu!

QUADERNA — Vai se interromper de novo, Dona Júlia, porque seu marido vem chegando aí com Frei Roque!

JÚLIA — O quê? É possível? Doutor Ivo, me segure, senão faço uma besteira! Dou umas tapas em Manuel!

Entram Manuel Sousa e Frei Roque. Manuel é homem bonachão. Acha graça na mulher, Júlia, gosta dela a seu modo, mas não pode ver mulher. Não quer se separar, mas também não quer deixar Carmelita. Frei Roque fala com sotaque estrangeiro. É um frade brabo, virtuoso e pitoresco.

Ivo — Dona Júlia, se acalme! Ai!

FREI ROQUE — (*Protegendo MANUEL.*) O que é isso, Dona Júlia?

JÚLIA — O que é isso? O que é isso é que eu vou dar umas tapas no peste do meu marido e vai ser agora mesmo!

IVO — Isso pode atrapalhar seu direito no desquite! Use a lógica, Dona Júlia!

JUIZ — Olhe a conciliação, Dona Júlia! Isso aqui é uma audiência de conciliação!

JÚLIA — Conciliação, uma peida! Hoje aqui nessa porqueira não se concilia nada! Doutor, me desquite logo aí!

JUIZ — Mas Dona Júlia...

MANUEL — Mas Júlia, por que essa raiva toda?

JÚLIA — Você ainda pergunta, desgraçado? Sem-vergonha! Você que largou a casa?

MANUEL — Eu?

JÚLIA — Você que combinou com Carmelita, aquela desgraçada, pra ela ficar ali, se encontrar com você para virem os dois, juntos, me desmoralizar?

MANUEL — Eu?

JÚLIA — Sim, você que procura me humilhar a cada instante!

MANUEL — Eu nunca pretendi humilhar você, Júlia! Que conversa mais sem jeito!

JÚLIA — Cachorro, peste, safado! Eu mato esse miserável! Dou-lhe de pau!
Quer saber do que mais, Doutor? Me desquite logo, aí!

JUIZ — Dona Júlia!

IVO — Doutor Juiz, requeiro a Vossa Excelência que mande tomar por termo todos os motivos que minha constituinte tem pra pedir desquite!

FREI ROQUE — Ninguém tem motivo nenhum pra pedir desquite nenhum! O casamento só presta na indissolubilidade!

IVO — O senhor, Frei Roque, é bem contrário ao divórcio...

FREI ROQUE — Contra o divórcio, nem se fala! Eu sou é contra desquite! A favor do divórcio? Do desquite? Nem morta!

IVO — Isso é obscurantismo da Igreja Católica!

FREI ROQUE — É? E a digna progenitora, a mãe, era obscurantista? Hein?
Hum? Responda, Doutor Ivo!

IVO — Nada disso vem ao caso! Doutor Rolando Sapo, requeiro que o senhor mande anotar os motivos do desquite! Crueldade mental, vida irregular notória em toda a cidade e, finalmente, abandono do lar!

JÚLIA — Ah, isso aí é o que eu não admito nem posso suportar! O resto ainda ia, a gente se zanga, mas suporta! Agora, isso de ser largada, desmoraliza a mulher! Perguntam: “Quem é aquela?” E os outros respondem: “É a parteira, Dona Júlia, largada pelo marido!” Foi isso que me levou, ontem, a uma decisão. Era o que estava explicando aqui, quando esse peste chegou! Eu fiquei com tanta raiva ontem, Doutor, que fechei um negócio, um pacto com o Diabo!

FREI ROQUE — Dona Júlia, o que é isso? Você é ateu, é?

JÚLIA — Que ateu que nada, Frei Roque! Eu não sei que Deus existe? Quem fez o mundo? Se Deus não existisse, esse mundo era, todo, um disparate! Sou do partido de Deus! Acontece que, o que eu queria, ontem, só era possível com o Diabo! Então, quando foi de noite, botei o medo de lado e fiz um negócio com ele!

FREI ROQUE — A senhora perdeu o juízo, foi, Dona Júlia? Perdeu a vergonha? A senhora sabe o que acontece a quem faz pacto com o Diabo? Vai pro Inferno de cabeça pra baixo! Não vai não? Vai! Que negócio a senhora fez com o Diabo?

JÚLIA — Fiz um contrato pra o Diabo carregar este nojento, meu marido Manuel Sousa! Eu dava ao Diabo a minha alma, contanto que hoje, bem cedo, ele trouxesse Manuel pra casa e depois carregasse ele, abraçado a Carmelita, todos dois para o Inferno, ali, devagar, na minha vista, queimando os dois pra eu ver! Como o Diabo não fez isso, quero que o Doutor Rolando mande intimar o Diabo pra vir aqui, se explicar!

JUIZ — Eu não disse que isso ia dar em desordem? Quem já viu se intimar o Diabo?

JÚLIA — Ou o senhor intima o Diabo, ou se entope, e é de vez!

JUIZ — Dona Júlia, que maldade! Não houve nem sequer um requerimento em termos!

JÚLIA — Por isso, não! Doutor Ivo, faça o requerimento!

IVO — Dona Júlia, isso é um disparate! Eu posso, lá, requerer um negócio sem lógica como esse?

JÚLIA — Ah, é assim? Pois não lhe pago nem um tostão!

IVO — Mesmo que eu requeira, o Juiz recusa essa petição, por inepta!

JÚLIA — Se ele recusar, eu passo a chave nele, de vez! Nunca mais ele abre a porta pro que tem dentro sair! A comida entra por cima, mas não sai pelo vice-versa!

IVO — *(Embaraçado.)* Doutor Rolando, não tenho outro caminho! Vou requerer! O senhor decida como quiser! Passo a batata quente para suas mãos!

JUIZ — O azar é meu! E se ao menos a batata fosse batata de purga... Seja como Deus quiser!

IVO — “Ilustríssimo Senhor Doutor Rolando Sapo, Meritíssimo Juiz de Direito desta Comarca-perdida, competente neste pleito. Júlia Torres Vilar Sousa, aqui domiciliada, boa e famosa parteira, Clisterzeira diplomada, casada já de alguns anos, brasileira desbocada, requer a Vossa Excelência que mande citar o Diabo pra que ele venha a Juízo! A seu tempo, provará que fez com ele um negócio. E, como não se cumpriu o que lhe tinha pedido em troca de sua alma, quer condenar o Bandido! Que mandem citar o Diabo! Seja na Terra, no Inferno, no fogo do Vento-seco, nas asas do Pensamento! Termos em que, com respeito, se pede deferimento. Taperoá, 24 de Agosto, dia do Diabo! Taperoá, terra seca, de outro nome, Batalhão! Terra de pedras e cabras, de gado, Cobra e algodão! Por seu bastante Advogado, Procurador-assinado, Ivo Caxexa Beltrão.”

JUIZ — E eu atendo! Trancado é que não vou ficar! “O Doutor Rolando Sapo, Doutor Juiz de Direito desta Comarca famosa de Taperoá, chamada, Batalhão apelidada, de acordo com a Lei etc. etc. Certifico a todo mundo, do Céu, da Terra, do Inferno, que, atendendo ao requerido da Senhora Júlia Sousa, Clisterzeira-diplomada, ordeno, a qualquer dos dois Oficiais de Justiça que assistem nesta Comarca, que façam citar o Diabo! Que ele

venha aqui! Compareça à audiência marcada, sob as penas que a Lei manda!" Tome, cumpra, Seu Quaderna! Que desordem mais danada!

QUADERNA — *(À parte.)* Pois sim! O Diabo citado! Quem diria uma coisa dessas? Mas era o único jeito de atender à encomenda e resolver o problema como fora planejado! *(Começa a gritar, agitando numa das mãos o mandado do Juiz, e na outra, uma campã.)* A Caseira e a Catarina ou o Processo do Diabo! Que façam citar o Diabo! Que ele venha para a audiência sob as penas que a Lei manda! O Processo do Diabo! *(De repente, para no limiar da cena e interrompe a saída que ia fazendo.)* Danou-se! Agora vai haver tapa, aqui! Lá vem!

JUIZ — *(Persignando-se.)* Quem é que lá vem, Quaderna? É o Diabo?

QUADERNA — Antes fosse! É Carmelita, com navalha e tudo! Ai!

Corre para fora de cena. Entra CARMELITA, com uma navalha na mão. O pânico é geral. Somente FREI ROQUE fica no meio da sala, absolutamente calmo, com as mãos nos quadris. Ele se aproxima de CARMELITA.

CARMELITA — Frei Roque, não venha não que o senhor se estraga! Estou disposta a cortar a cara até do senhor!

FREI ROQUE — Carmelita, olhe aqui! Se você for para a igreja vestida como está, com as axilas de fora, não dou comunhão não! E sabe o que é axila? É sovaco! Não é não? É! Deixe de brabeza, filha! Me dê aqui essa navalha! Hein? Hum? Que é isso? Dê cá! Sim, assim, bonitinha, hein? Obrigado!

MANUEL — *(Sem conter o entusiasmo.)* Mas ela é muito bonita, não é, Júlia? É formidável!

JÚLIA — O quê, desgraçado?

FREI ROQUE — Calma! Acabem com essas brigas, senão tomo uma providência das minhas! Estou ficando cansado dessas brabezas daqui! Parem, antes que eu me zangue! Carmelita, que história é essa de entrar aqui armada de navalha?

CARMELITA — Vim tomar meu porco!

ADÉLIA — Seu, não, meu! Você me paga o vidro da cristaleira que o porco quebrou?

CARMELITA — Não!

ADÉLIA — Então, o porco é meu!

FREI ROQUE — É mesmo! É dela e acabou-se! Quem deu prejuízo, paga!

JÚLIA — E o outro porco?

FREI ROQUE — Que porco?

JÚLIA — Meu marido! Como é que se resolve o caso dele? Vai ficar pra Carmelita?

FREI ROQUE — É mesmo! Carmelita, o que foi isso? Você não tinha me prometido que não se metia pro lado dos homens casados?

CARMELITA — Prometi!

FREI ROQUE — E como é que, agora, quer tomar Manuel da mulher dele?

CARMELITa — Mas não sou eu que quero tomar não, é ele que quer ser tomado!

FREI ROQUE — E por que você não dá logo o fora nele?

CARMELITa — Não, Frei Roque, assim também é demais! Ele é tão entusiasmado! E depois, tem uma coisa: eu fui violentada, fui estuprada por ele!

FREI ROQUE — Estuprada? Como? Você não confessou isso, Manuel!

CARMELITa — Logo que eu cheguei de Campina, eu estava, um dia, lá na sala da Pensão de Xandu, quando ele se debruçou na janela e disse: “Mas é muito bonita, ela!” No outro dia, lá estava ele de novo na janela, todo cheio de manejos, com aquele entusiasmo! Esse Manuel é, mesmo, um sujeito impossível!

JÚLIA — Ah, safado!

CARMELITa — Foi assim que começou! Aí, um dia, eu estava lá, perto ali do corredor que leva para meu quarto, não sabe onde é, Ivo?

Ivo — Eu? Eu, não!

CARMELITa — Aí, Manuel chegou! Isso é um homem impossível, Frei Roque! Chegou e foi logo dando um cheiro aqui no meu cangote! Fiquei toda arrepiada! E ele começou a se rir e me cheirar... Ô homem impossível! Me abraçou, atracou-se comigo, naquele entusiasmo... E ia dizendo assim: “Ah, Carmelita, minha neguinha!” E ficava cheirando meu cangote! Aí, foi me empurrando, me empurrando, quando eu vi, estava no quarto!

FREI ROQUE — Por que não correu?

CARMELITA — Ah, Frei Roque, é porque Manuel nunca deu um cheiro no cangote do senhor!

FREI ROQUE — Vote! Vade retro, Satanás!

CARMELITA — Se ele desse um cheiro em seu cangote, e depois um ou dois amassados bem carinhosos do jeito que ele sabe dar, o senhor ia ver que isso é um homem impossível! Correr, o quê? Quando eu vi, estava no quarto! Aí, sem ter mais o que fazer, eu caí na cama!

FREI ROQUE — Caiu?

CARMELITA — É, Frei Roque, não sei o que é que eu tenho que sempre acontece isso comigo: quando um homem impossível desse dá um cheiro em meu cangote, me dá aquela fraqueza nas pernas, que só vai me deitando! Aí, eu comecei a cheirar o cangote dele, também, e foi aquela agonia, aquela agonia, quando eu vi, estava sendo estuprada! Com aqueles manejos, aquele entusiasmo, aquele carinho todo, não há quem resista! Meu emprego não é esse?

JÚLIA — Ah, é, não é? Pois, com entusiasmo e tudo, você e ele vão se arrepender, e é aqui, hoje, agora! Está tudo muito bem: você é nova e bonita, eu já estou velha e estou feia! Ele cheira seu cangote e olha o meu com frieza! Você não trabalha em nada: eu trabalho de parteira! Você é a catarina: eu não passo da caseira! Mas apareceu um fato com o qual você não contava: eu vendi minha alma ao Diabo, que foi citado pelo Juiz e aparece aqui já, já!

CARMELITA — Oxente, pra quê?

JÚLIA — Pra carregar você e esse peste safado pro Inferno!

CARMELITA — O Diabo não vem!

JÚLIA — Ah, vem!

IVO — Vem nada! Ô Dona Júlia, por que a senhora não segue a lógica?

JÚLIA — Que lógica que nada! Se fosse pra ir por lógica meu marido me larga mesmo, que eu estou velha e feia!

MANUEL — Mas Júlia, que besteira, essa! Você não tem nada de velha e feia!

JÚLIA — Vá pra lá, safado ruim! Olhando o mundo com lógica, tudo vira disparate! Agora, se eu deixo a lógica e sigo meu disparate, então fica tudo claro! Eu sou de Deus!

CARMELITA — Se a senhora é de Deus, por que chama o Diabo pra carregar quem também foi sempre dele?

JÚLIA — Foi você quem me meteu nessa encrenca, desgraçada! Pois pode ser que eu me lasque, mas vocês dois vão também! E vai ser aqui, agora! O Diabo já vem chegando e vai carregar vocês!

JUIZ — Meu Deus, meu Deus! Que desordem!

JÚLIA — Pois seja ordem ou desordem, seja disparate ou lógica, já comecei, vou ao fim! Demônio! Pai da Mentira! Dragão cego e venenoso, Cobra cruel e maligna! Já que minha alma eu perdi, venha, e, em troca da minh'alma, execute o que pedi!

A luz baixa. Trovões e relâmpagos. Entra QUADERNA disfarçado de Demônio. FREI ROQUE é o primeiro a correr, trepando-se num móvel.

FREI ROQUE — Ai! Valha-me Nossa Senhora! São Francisco! São Francisco!

Correm todos, menos IVO e o DOUTOR ROLANDO.

JUIZ — Que foi isso? Que barulho! Um vulto escuro! É o caixão?

FREI ROQUE — Caixão que nada, Doutor! É o Diabo!

JUIZ — Ai!

IVO — Amigos, tenham lógica! Isso é uma alucinação!

FREI ROQUE — Alucinação como, se eu estou vendo?

JUIZ — Eu também estou vendo! Olhe o Diabo ali! *(Aponta para o lado contrário.)*

IVO — Eu também estou vendo o Diabo! Mas é alucinação, tenho certeza! É sugestão coletiva causada pelas palavras que Dona Júlia gritou. Vamos por lógica: se o Diabo não existe, como é que pode aparecer?

QUADERNA — Não existe? Não existe o quê, magrelo safado! Vou lhe mostrar como existo! Vou dar uma prova de quem sou, ressuscitando este morto que está aí!

MANUEL — Meu Deus! Se ele conseguir, estou desgraçado!

QUADERNA — Pedro Cego, eu sou o Diabo! Levante-se do seu caixão! Venham, forças infernais, venham, Demônios sangrentos! Que sobre o fogo do Inferno! Juntem-se as Carnes defuntas, os Ossos apodrecidos, e erga-se Pedro Cego do caixão em que repousa!

*N*ovos trovões e raios. A luz baixa. No caixão, PEDRO CEGO
soergue-se, com uma lanterninha acesa na boca fechada, para
parecer ainda mais com uma assombração de ressuscitado.

IVO — *(Ajoelhando-se.)* Valha-me Nossa Senhora! Meu Deus, tenha
compaixão deste pobre pecador!

QUADERNA — Saia! Saia, Pedro Cego, e vá para seu lugar!

IVO — Ai, meu Deus! *(Corre para junto dos outros.)*

JUIZ — Que foi? É o porco?

MANUEL — Que porco que nada, Doutor! É o Diabo! Ressuscitou Pedro Cego!

CARMELITA — Valha-me Deus!

JÚLIA — Meu Jesus!

FREI ROQUE — São Francisco!

IVO — São Francisco!

JÚLIA — Diabo safado, Diabo ordinário! Por que não carregou meu marido?

QUADERNA — Porque não pude!

JÚLIA — Não pôde? Que Diabo mais safado é esse que não sabe carregar as
almas para o Inferno?

QUADERNA — Quando foi que a senhora me encarregou de levá-lo? Quando foi o nosso trato?

JÚLIA — Foi ontem, à meia-noite!

QUADERNA — Acontece que, nesta hora, ele estava em confissão com Frei Roque! Por isso não tive força para levá-lo para o Inferno!

JÚLIA — Ele estava com Frei Roque? Que história é essa, Manuel? Você não me deixou, ontem, pra viver com essa catraia?

MANUEL — Mas, Júlia! Que violência! Não está vendo que eu não ia largar uma mulher tão boa?

JÚLIA — E por que é que você não foi dormir lá em casa?

MANUEL — Está aí Frei Roque de prova: estava me confessando!

JÚLIA — Quem já viu uma confissão entrar pela noite adentro e seguir pelo outro dia?

MANUEL — Chegamos a um certo ponto em que não foi possível um acordo!

JÚLIA — Que foi?

MANUEL — Frei Roque só concordava em me dar absolvição se eu largasse Carmelita. E eu podia lá deixá-la!

CARMELITA — (*Cariciosa.*) Esse Manuel! Ah homem impossível! Obrigada, amor!

JÚLIA — Peste! Canalha! E o Diabo? O que é que me diz disso tudo?

QUADERNA — Digo que vim cá buscá-la! Você me prometeu sua alma e eu vim buscar!

CARMELITÁ — Boa, Seu Diabo! Essa tal de Júlia queria me desgraçar! Agora é ela quem vai pro Inferno! E eu me caso com Manuel! Você me dá uma casa, Manuel?

MANUEL — Você se zanga comigo, Júlia, mas que ela é linda, isso é! É formidável!

QUADERNA — Está tudo muito bem, mas vim foi pra carregar Dona Júlia! Chegue, Dona Júlia, venha! Com o Diabo, é sempre assim: invocou, apareceu, prometeu, trocou, pagou! A senhora vai pro Inferno e é agora! *(Agarra-a.)*

JÚLIA — Ai, ai! Seu Diabo, faça um acordo comigo! Me deixe e carregue o Doutor Rolando! Foi ele quem fez sua citação!

JUIZ — Que sacanagem é essa, Dona Júlia? Quem citou fui eu, mas a senhora foi quem fez o requerimento!

QUADERNA — Eu vou pela lei! Contrato é contrato, e a senhora me prometeu sua alma!

JÚLIA — Doutor Ivo, me defenda! Se eu for pro Inferno, como é que vou lhe pagar?

IVO — É mesmo! *(Aproxima-se do DIABO-QUADERNA.)* Pelo que ouvi, o senhor quer levar Dona Júlia por causa do contrato que ela fez, não é?

QUADERNA — É isso mesmo!

IVO — Esse contrato foi feito aqui na Comarca?

QUADERNA — Foi!

IVO — Código Civil, artigo 12: “É competente a autoridade judiciária brasileira quando o réu for domiciliado no Brasil ou aqui tiver de ser cumprida a obrigação.”

QUADERNA — É da Lei de Introdução, conheço!

IVO — Conhece? Então sabe que aqui tem de ser cumprida a obrigação! Portanto, o Doutor Rolando é Juiz competente para o pleito. Reconhece?

QUADERNA — Reconheço! Mas acontece que o intimado sou eu e meu domicílio é outro!

IVO — Código de Processo Civil, artigo 148, inciso 1º: “A competência do Juiz se prorroga quando o réu não opuser exceção declinatória de foro.” O senhor opôs?

QUADERNA — Não!

IVO — Então, Seu Doutor Diabo, Vossa Excelência desculpe, mas acaba de entrar no meu domínio, o da lógica!

QUADERNA — Esse é meu campo também!

IVO — Ah, e é? Então, estou em casa, vai ser um duelo de juristas! Vamos por partes. Você precisa de um defensor, de um advogado! Tem dinheiro?

QUADERNA — Não! Mas posso, aqui, num passe de mágica, conseguir o dinheiro que quiser!

IVO — Dinheiro falso! Isso é crime, está no Código Penal! Vá anotando, viu, Doutor Juiz? Dinheiro infernal não serve! Eu digo é dinheiro mesmo, dinheiro do Tesouro do Brasil! Está meio lascado e desmoralizado, mas ainda assim é o que vale, aqui! Tem dinheiro do Brasil? LBC, OTN, essas coisas?

QUADERNA — Desse, não tenho um tostão!

IVO — Então, não pode pagar, tem que ser pela Assistência Judiciária! Indique seu defensor para o Juiz nomear! Quem é que o senhor escolhe?

QUADERNA — Belzebu!

IVO — Não pode, não está matriculado na Ordem dos Advogados! *(Para o Juiz.)* Doutor, nomeie Frei Roque!

FREI ROQUE — Eu? Não, de jeito nenhum! Também não estou matriculado!

IVO — Na falta de advogado, pode ser qualquer pessoa!

QUADERNA — Se é assim, Belzebu pode!

IVO — A Lei diz “qualquer pessoa”. Código Civil, artigo 4: “A personalidade civil do homem começa do nascimento com vida.” Belzebu nasceu? Belzebu teve mãe? Passou pelo lugar por onde todos nós passamos, a chamada “porteira do Mundo”?

QUADERNA — Não!

IVO — Então não é pessoa, é assombração! Não pode! Nomeie Frei Roque, Doutor!

FREI ROQUE — Era o que faltava! Um filho de São Francisco terminar como advogado do Diabo! Não aceito! E se aceitasse era pra ser Promotor, pra fazer a acusação!

IVO — Então, nomeie Pedro Cego, que deve ao Diabo o favor da ressurreição!

JUIZ — O senhor aceita Pedro Cego, Seu Diabo?

QUADERNA — Aceito.

JUIZ — Então, está nomeado! Pedro Cego é o defensor!

IVO — Vamos então pela lógica. O senhor acha que minha constituinte Dona Júlia contraiu uma obrigação...

QUADERNA — *Acho*, não! Ela me prometeu a alma! Foi um contrato bilateral e tácito, não escrito. Código Civil, artigo 1.079. Concorda, Pedro Cego?

PEDRO CEGO — Concordo!

IVO — Ah, vamos adiante: “Nos contratos bilaterais, nenhum dos contraentes antes de cumprir sua obrigação pode exigir o cumprimento da do outro.” Concorda, Pedro Cego?

PEDRO CEGO — Concordo!

IVO — O senhor não carregou Carmelita nem Manuel, que foi o que Dona Júlia tinha pedido em troca da alma dela! Se é assim, não pode exigir que

Dona Júlia lhe entregue a alma de graça! Seu defensor, como homem inteligente, concorda, Pedro Cego?

PEDRO CEGO — Concordo!

IVO — Doutor, tendo apresentado as razões, e o defensor da outra parte concordado, peço que julgue a favor de minha constituinte!

JUIZ — Deferido! O Doutor Diabo não pode mais carregar Dona Júlia, que o invocou, pois não cumpriu sua parte no contrato que firmou!

QUADERNA — Ah, é assim? Pois se não pode ir a cliente, carrego o advogado!

IVO — Eu não fiz contrato nenhum com o senhor!

FREI ROQUE — Mas vai, somente por causa do ateísmo, seu cabra sem-vergonha!

QUADERNA — O senhor, agora, vai ver pra que serve a lógica! *(Agarra-o.)*

IVO — Minha Nossa Senhora! Um sujeito como eu, levado pro Inferno! Já se viu coisa mais sem lógica? Doutor Frei Roque, me acuda!

FREI ROQUE — Eu, não!

IVO — Pelo amor de São Francisco!

JÚLIA — Frei Roque, tenha pena do Doutor Ivo!

FREI ROQUE — Um ateu!

IVO — Eu me arrependo!

FREI ROQUE — Ah, bom, assim eu acudo! Diga: “Renuncio ao ateísmo!”

IVO — Renuncio ao ateísmo!

FREI ROQUE — Cristo era o Filho de Deus!

IVO — Cristo era o Filho de Deus! Frei Roque, deixe de ser ruim! Me acuda logo, senão não dá tempo!

FREI ROQUE — Dá tempo, dá! Diga: “Renuncio a Satanás!”

IVO — Isso é que é uma coisa sem lógica! É claro que eu renuncio! Satanás é quem não quer renunciar a mim! Ai! Ai!

FREI ROQUE — Deixe isso comigo!

*Salta do lugar onde está, apresenta a cruz de madeira ao DIABO-
QUADERNA e vai pronunciando palavras em latim. O DIABO solta IVO
e vai recuando.*

QUADERNA — Frei Roque, se é assim, deixe eu carregar Manuel Sousa!

FREI ROQUE — Concedido!

MANUEL — Eu estou em confissão!

FREI ROQUE — Estava! Eu encerro a confissão! Pode levar!

QUADERNA — *(Agarrando MANUEL.)* Venha! Agora, eu é que vou dar cheiro no seu cangote!

MANUEL — Eu não digo que estou sem sorte! Frei Roque, me acuda, pelo amor de Deus! O senhor vai permitir uma esculhambação dessa, esse Diabo safado dando cheiro em meu cangote?

FREI ROQUE — Não, mas tenho minhas condições! Você renuncia a Carmelita?

MANUEL — Mas Frei Roque, que lei dura dos seiscentos diabos!

FREI ROQUE — Dos seiscentos diabos?

MANUEL — Dos seiscentos anjos, vá lá!

FREI ROQUE — Ou você renuncia ou se lasca!

MANUEL — Então, é o jeito! Carmelita, adeus! Adeus, mulher extraordinária! Que lei mais dura, meu Deus! Dar adeus a tudo isso que você guarda aí, a esses dois cabritos, a essa mata, esses frutos, essa romã rachada...

FREI ROQUE — Renuncia ou não renuncia?

MANUEL — Renuncio, sim senhor! Mas vá logo, homem de Deus! Lá vou eu!

FREI ROQUE — Eu já vou na fachada dele! *(Mesma cena, desta vez para livrar MANUEL.)*

QUADERNA — Ô Frei Roque! Se é assim, se perdi o advogado, a caseira e seu marido, então deixe pelo menos eu levar a catarina! Quero Carmelita! Quero essa mulher notável só pra mim, deitadinha em minha cama, lá no Inferno!

CARMELITA — Oxente, Seu Diabo! Que Diabo mais safado!

QUADERNA — Quero Carmelita pra mim! Posso levar?

FREI ROQUE — Leve, leve!

CARMELITA — Mas Frei Roque, que maldade! Ai, ai! Frei Roque, me acuda! Me livre, enquanto é tempo! Ai! Me livre, que ele começou a dar cheiro em meu cangote e eu já estou com aquela fraqueza nas pernas! Ai, aí! Que Diabinho mais tarado!

FREI ROQUE — Você promete deixar Manuel?

CARMELITA — Prometo!

FREI ROQUE — Então, lá vai! Fora daqui, Diabo besta! Diabo de meia-tigela! Fora! Fora! *(Tira da cintura o cordão de São Francisco e dá, no DIABO-QUADERNA, uma surra. O DIABO dá um estouro e sai.)* Muito bem! Com a ajuda de São Francisco, a vitória foi completa!

JUIZ — Nunca vi maior desordem!

FREI ROQUE — Desordem por quê, Doutor? Tudo terminou como devia! Júlia ganhou de volta o marido, Manuel ganhou a mulher, Adélia ganhou seu porco...

CARMELITA — Mas eu perdi o meu!

JUIZ — Não seja por isso: a verba que ia ser gasta no enterro de Pedro Cego pode pagar seu porco!

FREI ROQUE — Então está tudo em paz! Salvamos um casamento e temos agora o nosso Ivo convertido à nossa Igreja! (*QUADERNA volta e fica no limiar.*)

IVO — O senhor não tem vergonha de usar assim o Diabo pra converter os outros não, Frei Roque?

FREI ROQUE — Que Diabo que nada! Aquilo foi artimanha, foi conchambrança armada por Quaderna pra Manuel voltar pra Dona Júlia! E Dona Júlia estava no mondé!

JÚLIA — Eu?

FREI ROQUE — Dona Júlia, eu não sou idiota não, está ouvindo? Aquele era o tal do Dom Pedro Dinis Quaderna, disfarçado de Demônio! Que Diabo coisa nenhuma! O Diabo é coisa tão séria! Aquele era apalhado demais! Primeiro, confesso que fiquei com medo! Mas quando vi o Diabo discutindo, chicanando e futricando, vi logo que era ou um advogado, ou então algum tabelião. Olhei em volta e vi que Seu Quaderna tinha desaparecido. Aí, olhei e descobri: ele se disfarçou todo, mas se esqueceu de trocar a alpercata de rabicho!

JUIZ — Mas Frei Roque, por que não me avisou? Eu quase que me acabo! Doente como sou!

FREI ROQUE — Resolvi aproveitar a armada para salvar o casamento de Dona Júlia e converter o Doutor Ivo! Me digam: não foi isso mesmo?

JÚLIA — Foi! Sabendo da audiência, da confissão de Manuel e da vinda de Carmelita pr'aqui, procurei Seu Quaderna, que imaginou tudo.

IVO — E Pedro Cego?

JÚLIA — Paguei a ele, que concordou em se fingir de morto. O caixão com o enterro dele saiu lá de minha casa. Era preciso um milagre, uma assombração assim, pra acreditarem no Diabo!

FREI ROQUE — Isso foi outra coisa que pra mim não funcionou: o Diabo pode, lá, ressuscitar ninguém!

QUADERNA — Mas ninguém sabia disso, e o fato é que funcionou!

JUIZ — Ivo, e você? Mantém sua conversão?

IVO — Sabe do que mais, Doutor? Mantenho!

JUIZ — Mesmo depois de saber que foi embuste, conchambrança de Quaderna?

IVO — Mesmo assim! A conta que faço é esta: se, depois da morte, não existe nada, eu não perco nada. Se existir, como convertido, saio ganhando! É uma questão de lógica!

FREI ROQUE — Pois desse tipo de lógica, Deus gosta e São Francisco também gosta!

JUIZ — A audiência terminou! Vamos pra casa, que eu preciso descansar!

CARMELITA — Eu vou, com a verba do meu porco! (*Baixo, para MANUEL.*) Se não era o Diabo, podemos continuar!

MANUEL — (*Também baixo.*) Maravilha!

CARMELITA — Quaderna, gostei muito daquela maneira de você representar o Diabo! (*Aponta o lugar do pescoço que ele cheirou.*) Apareça!

JÚLIA — Eu fico com o peste do meu marido, com esse bicho miserável que não vale, mesmo, nada!

MANUEL — Eu, com minha Santa Júlia, meu tesouro, minha amada!

FREI ROQUE — Eu saio com mais um serviço prestado a São Francisco!

QUADERNA — Eu e Pedro Cego com o dinheiro que ganhamos tão honestamente! Concorda, Pedro?

PEDRO CEGO — Concordo!

JUIZ — Muito bem, todos lucraram! Adélia ganhou seu porco; Dona Júlia, seu marido; Carmelita, sua verba; Ivo ganhou sua fé; Frei Roque ganhou uma alma para a Igreja; Quaderna e Pedro Cego, dinheiro; Manuel, ganhou a mulher; e eu, ganhei o direito de destrancar o trancado, de tomar minhas lavagens, o purgante retrospectivo, o indispensável clister!

QUADERNA — Nobres Senhores e belas Damas, o espetáculo terminaria aqui. Mas, tendo o Primeiro Ato terminado com música, e o Segundo também, para não haver uma queda na alegria geral, peço a todos os atores que cantem de novo o Hino comigo. E, enquanto soa a música, eu peço do público a melhor recompensa que um autor, um encenador e atores de teatro podem receber: o seu aplauso. *(Música. Hino, que todos cantam.)*

PANO.

Recife, 31 de dezembro de 1987.

